

73, 1, 46

POESIAS

OFERECIDAS

ÀS SENHORAS BRAZILEIRAS,

POR UM BAHIANO.

81403
1659 TOMO SEGUNDO.

PARIS,

CHEZ AILLAUD, LIBRAIRE,

QUAI VOLTAIRE, N^o 21.

MDCCCXXV.



51-7692



60418
1949 A.R.

POESIAS.

TRADUÇÃO

DE UNS VERSOS DE M. DE PARNY.

Estando o autor ainda no collegio.

Lisboá, 1801.

SOBRE esta relva em que estamos,
Quanto me lembra do dia?
O mais feliz dos humanos
Fui, Amor só nos ouvia.

Nos labios de minha amada
Minha alma s'evapora va,
Tirava-me avida um bejo,
Um bejo avida me dava.

OUTRA.

Recebe , e guarda estes versos
Do prazer ternos penhores ,
Myrto feliz que serviste ,
De véo a nossos amores.

E dize a quem deste bosque
Buscar a sombra querida ,
Que a vida eu aqui deixára ,
Se o prazer tirasse a vida.

OUTRA.

Corações agradecidos
Na terra em vão procuraes ,
O homem nunca perdóa
O bem que fazer-lhe ousaes.

Mas de bem fazer não canses ,
Ama a virtude por ela ,
Sem os ingratos , não fora
A humanidade tão bela.

RESPOSTA

dada por uma Indiana do Orenoque ao Jesuita Gumilla
que a reprehendia por haver morto a filha (Raynald).

1803.

Oxalá ! que ao nascer, de dó movida
Minha Maen me livrasse dos tormentos,
Das dores que hei sofrido, e que me aguardão ?
Se me matasse então, livre estaria
Da cruel condição que tive em sorte.
Ja no futuro mais do que hoje, sofro.

Padre, se o podes, nosso estado peza.
Ao dos Indios compara : Livres correm,
E nós com um filho ás costas, outro aos peitos.
Em quanto cassão, pescão ; nós mesquinhas
Da lavoira na lida tressuamos.
Sem de nada cuidar á casa voltão,
Milho para licór, raizes, fructas
Carregamos : e em quanto se divertem,
Comem, dormem, as noites empregamos
Para o chica fazer, moendo o milho.

Como a vigilia pagão? Embreagados,
Tirão-nos pela trança, aos pés nos calcão.

Oxalá, que ao nascer a Maen que tive
À morte m'entregasse! Quanto digo
Todos os dias vés; mas tu não sabes
Dos males o peor. Do esposo injusto
Escrava ser, alheia do descanso,
No campo co' suor banhar a terra,
He pouco, a pár de ver findos vinte annos,
Outra esposa abraçar, nova, sem sizo,
Que os filhos nos maltrata, em nós impera:
E se um queixume escapa, um braço armado....
Oh! Padre, como queres que soframos
Estado assim cruel? á filha amada
Mais bem fazer podemos que rouba-la
Á vil escravidão, peor que a morte?

Ah! quizessem os ceos, de novo o digo,
Que d'amor comovida a Maen que tive,
Nas entranhas da terra me sumisse,
Quando máo fado me arrojou ao mundo;
Não teria do mal sofrido tantas,
O peito dores, lagrimas os olhos.

OS DISFARCES DE VENUS.

DE PARNY. TABL. 12.

1804.

NA veloz véa d'um rio
Vio, Mirtilo, abandonado
Sem remos, sem gente um barco
A tóa d'agoa levado.

Ligeiro o pastor o alcança
Co' peito as agoas abrindo
E vé n'um leito de juncos,
Linda pastora dormindo.

No brando sono surria,
E na boca meia aberta,
Brilha o marfim, entre as rozas :
Ele nos braços a aperta.

Do sono a desperta um bejo,
Um bejo o enfado lhe cala,
O susto passa com um bejo,
Com outro um suspiro exâla.

A ternura excita um bejo ,
Outro lhe inteira o prazer ,
Outro a fás entre delicias
Lentamente esmorecer.

Torna asi terna , submissa ,
E ainda o corpo sem véo ,
Convem sem pena na paga
Dos bejos que recebéo.

Em tanto desliza o barco
O liquido plano , e manço ,
Qu'em fraco impulso lhe imprime ,
Ninador , doce balanço.

ELIZA DRAPER.

Tradução de uma passagem da Historia
Philosophica de Raynald.

1805.

NADA vales Anginga, mas d'Eliza
Hes patria. As Feitorias Européas
Hão-de um dia expirar nas costas d'Asia.
Teus campos hoje nús, ornarão prados.
Eos Indios seus direitos recobrando,
Sobre despojos de Européos vencidos,
Antes que vezes cem se mova a terra,
Verão da liberdade a face amiga.

Se meus escritos duração prometem,
Teu nome passará de idade, a idade;
Quantos me lerem, quantos ahi derem,
Eliza aqui nascéo, dirá o, d'entr'elles
Se um Britano se achar, Britania exulta!
São Britanos os Paes d'Eliza. Ah! corraõ

Do peito os ai , as lagrimas dos olhos,
Para a saudade o coração he pouco.

Da suave amizade o terno laço
Aos meus , prendeo d'Eliza os sentimentos.
Ah ! perdoa , leitor, quem quer que sejas ,
Involuntarios movimentos d'alma ;
Sim , dá que Eliza me apodere todo !
E se humanas desgraças relatando,
Condoído teu peito as vezes tenho ,
Concede á minha dór teu pranto agora.
Fui teu amigo sem saber quem fosses ,
Um momento sé meu , teu dó me basta.

Seis lustros e annos três contava apenas
Quando na Patria de seus pais, cahirão
Cortados inda em flór , seus lindos annos.
Alma celeste de celeste corpo
Os vinculos soltou, morréo Eliza !

Tu que visitas o lugar tristonho,
O funebre lugar, onde repousão
Suas cinzas sagradas, eia entalha
No marmore saudoso, em tal momento ,
Deus á sua chamou sua alma pura ,
Deixando a terra, lá nos ceos existe.

Autor original d'Eliza amigo
Stern , em teus escritos o suave
Ela espargio , guiando a pluma tua.

Tu já não vives, teu amigo vive :
Chorei-te com Eliza, tu com migo
A amiga chorarias, e com ela
A mim, porem os ceos tal não quiserão.

Davão-lhe a primasia ambos os sexos,
Convinhão ambos que reuua as Graças,
Todos querião grangear-lhe a estima,
Poupou-se á inveja merito sublime.

Deo-lhe teu clima venturosa Anginga
Acordo incompativel quasi, unindo
Rizos d'amor, ao grave da decencia.
Do deleite, e pudor modelo fora.
Nem alterou essa alma alheia á Europa,
O céo neb'loso que em Britania peza.

Rodeavão-a eucantos invenciveis,
Silencioso, timido dezejo,
Era o dezejo que seguila ousava.

Amor sentir por ela, o virtuoso
Só se afoitara, e a declarar-lhe, nunca.

Debalde a busco, em primorosas damas
Vejo alguns dos seus dotes : Mas aquela
Que reunia todos, Ai! não vive?
E vós que vossos dons, formando Eliza,
Esgotastes, ó Deus! foi para instantes
De gloria dar ao mundo, e eterno pranto?

Tantos a virão, quantos a pranteão;
Hei-de chora-la em quanto tiver lagrimas.
Lagrimas bastão? Quem souber o apreço
Em que me tinha, perguntar não deve,
« Draper não vive, e tu porque não morres?

Hia deixar amigos, pais, a patria,
Para na minha, com os meus, com migo
Viver. Oh! que futuro me surria!
Já dos sabios querida, já dos genios,
Mesmo das caprixosas, procurada,
Eu avia a meu lado! em mim dizia:
Draper da idade inda está na aurora,
E tu no ocaso: ao chegar da morte
Ela teus olhos cerrará saudoza.

Mentirosas, baldadas esperanças!
Ó trastorno de humanas conjecturas!
Sobre vivéo velhice á verdes annos;
Que viva, e morra só quer meu destino,
Tudo acabou pr'amim, morrendo Eliza!

Mente polida, coração singelo,
Não precisavão dos enfeites d'arte:
De momento em momento era mais bela,
Interessava mais de instante a instante;
Qual nas Indias brilhou, brilhou na Europa.

Eliza era mui bela? não, só bela.
Más com feitiços que as demais não tinham.
O autor mais fino, as linhas adoptára,
Que traçou, sem vaidade, apenas sua.

Ao vé-la tive um novo sentimento,
Amizade não era, amor não era,
Era mais vivo qu'um, mais puro qu'outro.
Ganharia o seu dó se paixão fosse,
A mente co' a razão me esclarecera,
E d'amizade me fechara o stadio.

Na minha estima tens o gráo primeiro
Me repetia Eliza, e agora o creio.

Fui na sua alma no momento extremo.
 Nem uma linha mais sem que ante os olhos
 O monumento tenha que me deste,
 Draper ! ó Draper ! escrever não posso.
 Mas porque minha pena não dotaste
 De tuas graças, da virtude tua ?
 No peito sóa tua vós extrema,
 Inda te julgo ouvir : Eis teus dictames :
 « N'essa Muza severa que te encara,
 Reconhece Raynald da Historia o Numen ;
 Determinar dos seculos futuros
 A sabia opinião , são seus deveres.
 Nessa Deosa voluvel que se libra
 Sobre o globo adejando , vés a Fama,
 Não corou repetindo-nos teu nome,
 Teus escritos me trouce , e pela estima
 Os laços preparou qu'ora nos ligão.
 Aos Evos sobranceiro vive o genio,
 Eis seu simbulo , a Phenix entre as chamas.
 Estes emblemas guarda ; e atento a eles,
 Dos direitos do homem , da verdade,
 Da san philanthropia , em ti conexão
 O defensor augusto , em toda ajuda. »

Lá de sima d'abobada celeste
 Tua mansão primeira , e que hoje habitas ,

Meu juramento aceita : « Juro, Eliza,
Não deixar escapar da pluma um traço ,
Em que do amigo teu não vejão rasgos. »

FAONEIDA.

HYMNO PRIMEIRO A APOLO.

Tradução improvisada.

1805.

FILHO de Jove, Apolo,
Que de calor fecundo,
Aqueces, vivificas
Quanto contem o mundo.

Tu que de teu prolifico
Omnipotente raio,
De pampanos o outono
Ornas, de flores maio.

Dos Vates honra, e minha,
Te invoco ó loiro Deus,
Tu da natura enleio,
Ampara os votos meus.

De Lesbos sou a virgem
Numen, a ti tão cara,
E a quem nunca mesquinha,
Foi tua dextra avara.

Sou essa a quem foi dado
Velós, em vóo excelso,
Ir da Castalia margem,
Ao cume do Permeso.

De mim o plectro Eolio
Nova harmonia teve,
A mim da Grecia a Muza
Um metro novo deve.

Gratas a si me unirão
Virgens que enfeita o louro,
E Decima, chamar-me
Dignou-se o Aonio choro.

Mas do que val, ai triste!
Se a suspirar afeita,
Toda entre afans e ancias
A Amor viço sujeita?

Perdoa se sincera
Te conto o erro meu;
Amo : e são reos com migo
O mar , a terra , e o ceo.

Nada vegeta ou vive
No salso argenteo , ou terra ,
Nume não ha no Olympo
Que Amor não traga em guerra.

Tu mesmo já por Clizia ,
Por Leucotoe no peito ,
Provaste o que he delicia
D'um amoroso efeito.

E no rigor de Daphne
Sofreste todo o damno ,
Que ao terno peito manda
Amor , quando he tirano.

Socorre uma infelice
Que nutre a mesma chama ,
D'Amor quem sente os males
Tem dó de quem bem ama.

Faon he o insensivel
Por quem de amores ardo ,
Perfido que me punge
Por mau, com ferreo dardo.

Busco abrandar do ingrato
O duro coração ,
Mas contra Amor e o Fado,
Todo o trabalho he vão.

D'esse travesso Nume
Doma a altivés sobeja,
E quanto os versos podem,
Com magoa interna veja.

Lagrimas, ais mil vezes
Por ele espalho em vão ,
No plectro conhecido
Tento de balde a mão.

Pode o Pastor da Tracia
Rochedos a brandar ,
Na selva Emonia pode
Feras petrificar.

Vio d'Antiope o filho
Em Thebas comandando,
Novos surgirem muros
A cithara tocando.

Do encanto da poezia
Só ele ha de zombar?
Ah! como? d'inflexivel,
Faon se ha de gabar?

Não, não o espere armonicas
Notas, me deste, Apolo,
A lyra eburnea he esta
Que me pozeste ao colo.

Eu ta consagro, e vejão
D'Amor, Fado a despeito,
Que he tudo quanto existe
A teu poder sugeito.

A MISSA DE NATAL,

POR M. DE CORIOLIS.

Traduzida verso a verso, do francés. 1806.

De Dieu. . . adorons les desseins,
Et ne l'accusons pas des fautes des humains.

Henriade, Chant 1.

ERA invenio : e do mês que o anno rompe ,
Dias faltavão seis para o primeiro :
A noite em meio , o bronze anunciava :
Um pastor me condús do campo ao templo ,
Por trilho em que pizada mostra a neve ,
Que religioso pé me ha precedido.
Da espessa nevoa a Lua o véo rompia ,
Mostrando a face palido argentada
Pelo cabeço do visinho serro.
Brilhar se via a estrela milagrosa
Que aos tres Reis viajantes alumando ,
Outr'ora a Bethalem guiou devotos.

E a historia santa que a infantil memoria
 M'encantára , o pastor me repetia.
 A frase nua d'arte me agradava,
 Pio louvor em rude cantilena,
 Da historia as vezes deidia o fio.
 « Como o choro dos Anjos (repetia)
 Deslumbra dos zagaes dormentes olhos!
 E d'Emanuel com o nome o ceos alegrão!
 Como seguros pela vós divina,
 Do Presepio ao Menino em tropel correm!
 E do Oriente os Reis entre os pastores
 O lustre humilhão d'estrangeiras frontes!
 D'ouro , ensenso , e de mirrha a tripla oferta,
 E do infante celeste , o rir celeste.
 Treme a terra , e anuncia magestosa
 O que os oracl'os prometido havião.
 Donde vem tanta luz do sol nos campos ,
 Sem qu'ele d'Oriente as portas d'oire?
 Para a terra enlevada o ceo se inclina ,
 Quer pomposo hymenéo formar com ela.
 O Rei dos Reis será triunfante , em gloria ?
 Um Deos terrivel ? Não , debil Menino.
 Não inspira terror , aproximaivos ,
 Que seu imperio só no amor se funda. »
 Por taes pensares divagando o esp'rito ,
 Do triplo sacrificio ressoavão

Do templo nas abobadas os canticos.
E n'essa noite Jehovah propicio,
Se rouba vezes três aos mortaes olhos,
E tres vezes do ceo baixa invocado.

A multidão sollicita vencendo,
Ao pé do sanctuario á custo chego.
Admirada, adorando em zelo absorta,
O que ante os olhos tem Bemdicto Fructo,
Do altar da Virgem solitario, escuso
Que alumia uma lampada, rezava
Nos degraus; triste Dama, cuja magoa
Heide guardar no coração, nos versos.

Melancolicos traços da Saudade,
Os suspiros, o afan devoto, e grave,
Os olhos para os ceos erguendo as vezes,
O aspecto do Menino redobrando
Os soluços, e as lagrimas em fio:
O coração me dis, sem que outrem fale,
« He uma infelis Maen, » tudo o confirma
« Maen que perdeo caricias de seu filho. »

Os supremos louvores entoavão.
Arias rivaes dos hymnos dos Archanjos

Deleitavão-me o ouvido. Instrumento
Tal qual tangião de Jubal os filhos ,
A piedosa cerimonia realçava
Da melodia co' as sonoras vozes.
E a Maen sentida no comun transporte ,
O natalicio canta, e a morte chora.
A alegria geral turbar temendo ,
Sufocava no peito os ais que exalão.
Sua voz nas do canto confundindo ,
« Um filho nos nos nasceo, » dis soluçando.

Ah ! melhor celebrara aquele dia ,
Que viuva do esposo , em luto envolta ,
O culto acostumado a Igreja altera ,
E co' a Maen chora aos pés do filho amado !
Quando a dor que succumbe , a seus exforços ,
Une ao pranto da tumba , o rir do berço.
De vós , e coração melhor clamara ,
« Dizei se ha dor , que minha dor iguale ? »

Triste , e bela , no centro d'alegria ,
De dó coberta , amarca da desgraça
Profunda , e resignada ; o livro todo
D'involuntarias lagrimas banhado.
Da Religião a augusta magestade

No peito maternal combates dando,
D'um Deos o sacrosanto natalicio,
Nocturna pompa, canticos sagrados,
Despertarão profundos pensamentos,
Que o seculo, e o prazer adormentavão.

Prostrado o Padre, orou, e então aprece
Volvendo a nós (do rito velha usança),
Do augusto holocausto o termo entóa.
Casava o orgão d'alegria ás vozes,
Sob os musicos dedos sons flautados.
Só, pensativo, junto a Maen sentida,
Para sair, espero qu'ela parta.

Em fim dos olhos enxugando o pranto,
Timidos, ternos para mim levanta,
Entre suspiros que os soluços partem,
Estas tristes palayras dice a custo.

Aurelia me apelido, a historia minha
He curta, mas d'angustias carregada.
Meu esposo acabou na quadra odiosa,
Em que a serie de avós era delito.
Convencido do crime imperdoavel,

Ante os tiranos nobre sangue o acusa ;
Matarão-o ; e não basta aos monstros , querem
Do iabéo da deshonra ensovalhar-nos :
E dos Romanos os heroes louvando ,
Nos castigão por nome que honra a historia.
Quis aos carrascos de seus belos dias ,
Pedir a morte , que jamais negarão.
Escutara impassivel a sentença
Que da innocencia confundira as victimas.
Mas das entranhas uma vós secreta ,
Ao coração se opoem , que a morte anhela.
Obedeçi , vivi , da terra impura ,
Perjura aos filhos seus longe ; nos campos
D'Helvecia , junto a um lago retirado ,
O primeiro sorrir gostei de um filho.
Se de hymenéo gozardes as doçuras ,
Sabereis quanto pranto enxuga um filho.
E que nunca saibaes que horriveis transes
O coração lascerão..! (Deos vos livre)....
Quando o querido objecto, nosso enlevo
De horrenda morte he victima precoce.
Que valem queixas ? esgotado o pranto,
As folhas de novembro vezes oito
Juncarão ja seu tumulo , e inda encaro
Meu filho succumbindo : Ai ! esperava
Salvar a prenda unica , innocente

Que me deixara malfadado espozoz.
Mas de outra sorte o céo tinha ordenado :
Não direi mais : nasceo-nos hoje um filho.
Calouse , e o pranto terminou a historia
Que a lembrança no peito guarda eterna.
Oxalá que a Piedade ouvindo-a eu mova,
E com meu pranto lagrimas confunda.
Filosofo tão vão de van sciencia ,
Ah ! da Religião desmente a força !
Esposa desgraçada , e Maen saudosa
Aurelia viveo , em melhor mundo
Via os objetos de ternura dupla,
E só Deos a fraqueza lhe escorava.
Apostulo infeliz de um nada eterno,
Dize , á esta Rachel , darás o filho ?
Qual a vinha dos ventos inclinada,
Do Alamo viuva , chora o enlace ;
Tal a mente abatida na desgraça,
Nada mais tem que a sua eternidade.
Tua philosophia , e vans chimeras ,
Materno pranto serenar não sabem.

TRADUÇÃO VERSO A VERSO

DA EPISTOLA A MIGUEL DE CERVANTES
SAAVEDRA,

Autor do D. Quixote. -- Original francés por
M. D. P. Le Mazurier.

1807.

TUA historia moral, na douda Europa
Ingenhoso Cervantes, pós a Hispanha.
Generoso, fecundo em grãos guerreiros
O Hispano a ti do Pindo deve os loiros,
Tendo em Quixote fido cavaleiro,
Para os de prol modelo, e para autores.
D'um soldado já gasto com trabalhos
Rivaes no orgulho a penna menos cabão.
Prever podião vigoroso genio,
Mór na desgraça, e mór sob os tiranos?
Tu voltas a eclipsar seu verso, e prozas.
Victima consagrada a azares novos
Cuida a inveja abafar quando se ilustra,

E de Pluto_ cós dons brincar seus dias ;
 Mas a inveja acordada o despedaça ,
 E vendo seus retratos Pluto dorme.
 Tal vés que revivendo , hoje no mundo
 Por mais dinheiro , e menos aura anciasse ;
 E do indigente merito abrigado ,
 Oiro unir á sandice antes quizera.
 Assim pensara eu , n'isso convenho ,
 O tudo he ter dinheiro , o como he nada.
 Unico Deos que o vasto mundo adora ,
 Val mais que tudo , mesmo que teus versos.

Que servio a teu genio qu'apupasse
 D'errantes cavaleiros a mania ?
 Deste vaias a contos mentirosos ,
 De encantos negros , grãos combates prenhes ,
 Em que da natureza o autor imigo
 De burlescas visões peja a pintura.
 Prompto a pizalos Don Quixote surge.
 Pela primera vés Amadis treme ,
 E á mofa succumbindo , no seu haque
 Fatal á ordem , a pós si levando
 Galaor , Don Belianis , vio seus dias ,
 Suas façonhas , tudo aniquilado.

Flor do Toboso a nobre Dulcenéa ;

Da Mancha onde murxava em triste olvido,
 Cervantes a arrancou : de onra-la ancioso
 Lugar lhe deu distincto em quadro illustre,
 É a tósca louçania á amor rebelde,
 Deslumbra as Damas dos heroes vencidos.

Sancho o lustre te deve, e o nome Pansa,
 Transportão teus escritos d'evo a evo.
 Sem dó verbos, syntaxe estropiando,
 Mas de proverbios recheado, e farto.
 Para a gloria nasceo deixando os lares,
 E deve eterno ser como ruço amado ;
 Eternos hão-de ser, juro ó Cervantes ?
 A sobrinha, o Barbeiro, o Cura, a moça
 D'Altizidora os juvenis encantos.
 Nos teus retratos pós o genio o cunho.
 Para o primás autor que bom prestigio ?
 Quem da Triste Figura ao heroe resiste ?
 Gloria dos Monticis campos, e castilha ;
 Seu renome por ti sobe as estrelas.
 De victoria em victoria quando o sigo,
 Quadro animado vér cuido, e não contos.
 N'esses traços pintar dizem quizeste,
 Um tal que te ofendeo, cavalheirote ;
 Mas essá tradição não quadra, he falça,

De Cervantes o typo he mais brilhante ;
D'um romanesco heroe querendo os rasgos ,
Pr'a caza dos Gusmões olhar bastava.
Essa em famosos nomes hancha stirpe ,
Seus braços requintar vio com Medina ,
Aereo bravo , cavaleiro andante ,
Pela Europa vagou , vencéo correndo ;
Combates arriscando em prol de oprimidos !
Tortos vingar buscava em toda a parte :
Mores projectos combinou mais velho :
De obedecer , de subdito cançado ,
Peló ciume , e orgulho conduzido ,
Leis pretendeo dictar a Andaluzia ,
Mas ja Don João no trono firme estava ,
Menos feliz Medina cahe da impreza.
E affectando arrogancia fanfarrona ,
A Don João de Bragança desafia.
E seus dictames sustentando á espada ,
Deu regabofe ao duque d'Olivares.

A vinte annos no tumulo tranquilo
Esse guapo entremés não vio Cervantes.
Tardos socorros vãos do conde Lemos ,
Seus males , seu pezar não adoçastes ;
Foi-lhe ingrata a fortuna vivo , e morto.
D'afidalgados Mydas a caterva ,



Quanto o trono, e o altar viver pensava ;
No olvido estão, Cervantes na memoria.
A penosa existencia oh! não lamente,
Os caprichos da sorte mais não temes.
Ao sabio amedretar a morte pode?
A morte o leva ao Templo da Memoria.

A
M
A
D
C
C
C
S
S
E
A
C
E

SALIX E PHOLOE

OU

A ORIGEM DO SALGUEIRO CHORÃO.

Metamorphose.

1807.

AMANTE de Pholoe, Salix formoso,
N'um fresco bosque um dia amor cantava.
A discreta Pholoe ali sohia
Deixar vagar seu mole sobressalto:
Ora unindo ao das aves o seu canto,
Ou pensativa á margem dos ribeiros;
Ora colhendo sem escolha flores,
Sem arte enfeita a natural beleza.
Se encontra seu pastor gosta de vé-lo
Mas sem corar surri, ama sem crime.
Á innocencia fiel, Salix unia
O respeito ao dezejo, o medo á esperanza;
The que hymenéo loução tornar quizesse

Em consorte ditoso, o terno amante.
 Se amor zomba de ti ó razão fraca !
 Quem contar pode com teus vãos protestos !
 Pholoe confia na ramage exclusiva,
 E do banho á frescura se entregava.
 Frondosos lotos recurvados n'agua,
 Com verde manto seu pudor protegem.
 A quieta solidade, e a dos bosques
 Quasi lús, mais do qu'ela deleitosa,
 Tudo lhe dis « per ti véla o misterio.
 Nymfa, não temas temerarias vistas.

Para as aguas que tantas graças banhão,
 Salix, o crime não, conduz-te o acazo.
 Foi zefiro que as folhas afastando,
 Descobrio-te o segredo, a culpa he d'ele.
 Ceos! que atrativos para amantes olhos!
 Gentil Juiz no Ida, tão absorto
 Paris, não foi, com Juno sem adreço,
 Sem véo Minerva, sem petrina Venus.
 Atraçóa o cristal de inquietas agoas,
 D'eburneo seio ali, virginaes mimos,
 Lá no liquido azul as tranças doiro;
 He toda Venus ao surgir das ondas.
 Salix he outro, e chama seductora

Queima nas veias , e faisca aos olhos ;
 Quer falar , falha a vós , e para o rio
 Curvado , a vista fixa , o ouvido atento ,
 Teme que o halito agitando os ramos ,
 Sussurro dilator assuste as agoas.
 Pholoe lá vem tomar na falaz riba ,
 De tantas perfeições avaras fraldas :
 Ligeira marcha , e acada movimento
 Mostra um novo tezoiro ás vistas avidas.
 Que fazes insensato ? Que delirio ?
 Parte , e grita : « Cruel aumenos pára !
 Os assaltos do ardor véos mal defendem ,
 Eu morro se não cahes núa em meus braços ! »
 Ceos ! foi o grito da surpresa virgem.
 Á vós do susto a onda ao longe brama ,
 Lá no profundo as Naiades tremerão ,
 Com murmurio queixoso o bosque geme.
 Diana acode á vós , na dextra o arco ,
 Corre a honra vingar dos seus dominios.
 Deoza , o pudor salvaste , e inda te irrita
 Não consumado ultrage ? Salix foge ,
 Raivosa a Deosa a seta solta , e o fere.
 Ó prodigio ! seus pés no chão se arreigão ,
 Tronco nodozo , quer correr não pode.
 Lenhosa casca ja lhe envolve os membros :
 Do rosto as rosas enverdessem , murchão ;

No ár em ramos os cabelos brotão ;
E os braços que suplice aos ceos erguia ,
Simbolos do pezar languidos cahem.
Salgueiro , as agoas busca , e as folhas palidas ,
Da amada auzente ainda aimagem buscão.

TRADUÇÃO

DO FRAGMENTO DA ODE VI DE SAPHO.

1807.

FELIZ quem junto a ti , por ti suspira ;
Quem de te ouvir falar goza a delicia.
A quem meigo sorrizo as vezes mandas.
Em gloria os Deoses sua dita igualão ?
De veia , em veia cala subtil chama ,
O corpo corre todo , mal te a visto ;
E no arroubo em que amente desvaria ,
A lingua falha , falha a vós com ela.
Confuza nuvem se desdobra aos olhos ,
Não oiço , caio n'um langor suave ,
Palida sufocada , absorta , statica ,
Em arrepios toda , tremo , e expiro....
Mas quem tudo perdeo , arrisque tudo.

AO

NASCIMENTO DE CAMOENS.

Tradução de uns versos latinos.

DA nobre patria gloria, honra dos Lusos,
Eis Camões rescem-nado : em seu seio
Caliope o aleita ; exulta Apolo,
E ao menino entrega o sacro plectro.
De verde loiro triumphal coróa
A Fama lhe prepara : e o peito rasga
A Inveja, no futuro cogitando.

TRADUÇÃO

DA EPISTOLA

de Castera ao Principe de Conty oferecendo a tradução
dos Lusíadas.

1807.

POR mim sofrei, senhor, que vos of'ressão
Do Tejo as Musas, sua obra prima;
N'ela vereis brilhar, o nome, e os feitos
D'heroes, a cujas leis curvou-se o Ganges:
De sua gloria os fastos lendo as gentes,
Fida historia lerão das accões vossas:
Vós, quaes eles á sombra dos loureiros,
Os p'rigos arrostaes de Marte horrendo;
Quaes eles, quando a pás dá grato asilo,
A sombra da Oliveira, em ocio brando,
Com porte vencedor, Principe amavel,
Ganhaes os corações, moveis as mentes.
Ah! se da lei mui barbara a despeito,
Voltar da Estigia margem dado fora,

Se lá da escura habitação dos mortos ,
Camões illustre, ressurgisse ao mundo ,
Do Estro seu legitimo tributo ,
Em grandiloquo metro vos fizera ;
Por vós passando o canto melodioso
Que d' Euridice o esposo aos Deoses dava.
Mas eu que tive em sorte voz mesquinha ,
Admiro , e calo : minha ofrenda he pura ,
Não foi por Phebo no Helicon dictada ,
Tive a verdade só por conselheira.

TRADUÇÃO

DE UM IMPROVISO DE M. DE VOLTAIRE.

1807.

He preciso que pensemos,
Porque o homem sem pensar,
Apezar de ter sua alma,
Aos brutos vai-se a igualar.

He tambem preciso amar,
Por amor he que se existe,
Sem ter objecto que amemos,
Ser homem, he coiza triste.

He precisa sociedade
A favel, e de razão.
De que os sabios a fugentem
O pedante, e o charlatão.

He preciso de prazer
Mui grande variedade,
Sem variados prazeres,
He mui longa a nossa idade.

He preciso ter a dita
De possuir um amigo,
Que se consulte e se trate,
Como se trata com sigo.

Amigo que quando o sangue
Nas veias entra a ferver,
Os males nos diminua,
E faça os gotos crescer.

Gostosa céa he preciza
Onde fervilhe o excelente
Vinho, o guizado, o bom dito,
E alegre só, fique a gente.

He preciso em meigo abraço
Seu bem acariciar,
Eo que mais falta, que o diga
Aquele que sabe amar.

(45)

Confessai caros amigos
Que he bem bóa uma tal vida ;
Pois tudo isso achei sem custo ,
Achando Silvia querida.

O TALVÉS.

TRADUZIDO DE M. DE PARNY.

UMA entrevista pedindo,
Talvés, Lilia respondeu:
Esse talvés tão gostoso,
Oh! que esperanças me deu?

Bem como um talvés disfarça,
Um sim firira o pudor;
Talvés que da minha dita,
Seja o talvés um penhor.

TRADUÇÃO IMPROVISADA

DE DUAS COPLAS FRANCEZAS.

TENS o sorriso dos Anjos ,
Eles teus olhos invejão ,
Tens o espirito como eles ,
Dirão todos que te vejão .

Pode ser que assim falando ,
Te dé sobejo louvor :
Porem muito bem ser pode
Que eu faça aos Anjos favor .

TRADUÇÃO

DA 1ª ODE DE SAPHO.

1807.

OH! doce pás! encanto da innocencia,
Ventura que perdi, joia da infancia!
Foi para amarvos que existencia teve
Meu coração sensível.

Sim a pás, só a pás grata me fora.
E se a inflamar-se em mim o sangue he prompto,
Não he para sentir o odio, a raiva
Mas sim para gosarvos.

He bem tão doce, e precioso a vida,
Que minha-alma se aprás agradecendo
Dos Deoses a bondade, alçar no canto
Sua gloria suprema.

Assim de Sapho a cithara sonora,
Podesse eternisar sua memoria,
Aos seculos por vir feliz mandando
Em seus versos, seu nome.

E tu cruel autor de meus suspiros,
De meus primeiros ais, ah! não me ofressas
Mais qu'essa escravidão, que dá Cupido
Aos escravos dilectos.

De meus dias consagro a Primavera
As delicias, e o peito repartido
Entre duas paixões continuo trago,
Os prazeres, e a gloria.

Que o vil adorador dos grandes, do oiro,
De agradar-vos indigno, ante eles curve.
Musa, quando em teus fogos ardo, excelsa
Adejo sobre a terra.

Cheia do Deos do Pindo, encaro os mundos
Desdenho, pizo, sobranceira a tudo,
Da roda da fortuna o giro encerto,
E os golpes do Destino.

ODE III^a DE SAPHO

A VESPERO.

DIGNO ornato do céo, lume da noite !
Os bens que a Natureza nos concede
Ante os olhos nos poem , na tua volta
He qu'elles a parecem.

Ahora em que os banquetes Bacho alegre ,
Tu nos trazes : a ti o amante deve
Doces instantes em que amor discreto ,
Poupa o timido pejo.

Tu mandas ao redil a grei tranquila
Que o dente matador do Lobo teme ;
A filha que o casal deixou , contente
Da Maen aos braços trazes.

Esses que Venus , timidos amantes
Do amoroso colloquio abraza n'ancia ,
E que do dia a lús separa occultos ,
Tua volta reune.

ODE XVII^a DE SAPHO.

HYMNO A VENUS.

DEOSA propicia aos fidos amadores,
Venus! de quem o altar o mundo encensa ;
Tu que os inevitaveis laços tramas
Em que os mortaes se enredão.

Desesperada Sapho gemer deixas!...
Ah! pensa quantas vezes me afagaste,
Quantas da maga lyra aos sons amenos
Te fis baixar á terra.

A mim do Olympto, habitação de Jove,
Mais velós que o relampago teu carro,
Rápidas azas de ligeiras pombas,
Pelos ares trazião.

Então me procuravas; tua boca
Sempre adornada de sorrizo a favel,
Meu mal enterrogava, e no meu peito
As dores suspendia.

Quem se o poem, minha Sapho, aos teus deuses,
Atrevido mortal ousa afrontar-te?
Queres que minha mão lhe curve o cólo
A teu jugo amoroso?

Se ha no mundo um mortal que te desdenhe,
Que de teu coração não queira o dote,
A teus pés qual escravo, encadeado
Verás trazer-te o insano.

He tempo a Deosa! vem, a minha gloria,
E meus passados gostos dá-me, ofr'ece
Minha ternura, a meu vencedor fero,
A amar-me obriga-o, e basta.

AMOR FILIAL.

TRADUÇÃO

de uma passagem do Poema la Pitié (a Compaixão) de
M. Delille, cant. 1º.

1807.

QUEM não conhece que delicia pura
A Natureza unio á vós do sangue?
Fidelia o prova, cujo amavel nome,
Ao por vir foi por Addisson levado.
Na infancia sua Maen roubou-lhe a morte,
Mas ofrecia ao pai vivo retrato
Nas mimosas feições, no ár suave.
Esse pai que d'amor a idolatrava.
Lisongéa os sentidos terna esposa,
Os filhos a ambição, ternura as filhas,
E por elas o casto amor paterno,
Sendo tão puro, he mais affectuoso.
Cinzel de Scopas, os pinceis d'Apelles

Na qu'eu Beleza, canto molde houverão.
D'um amante adorada, qual a Nimfa
Que para ornar-lhe a córte amor buscara,
Seus atrativos ela mesma admira,
Mas o amor filial, a amor vencia.
Curar das precisões de um pai querido,
Farta aos cuidados se não farta o peito.
A tão gratos serviços dedicada
Os misteres do velho servo inveja.
Tocão-lhe o terno orgulho humildes prestimos.
Ela mesma a seu pai dava os vestidos,
Fas-lhe o comer, o banho lhe prepara;
De joelhos o calça, e ela mesma
Lhe pentea a madeixa encanecida.
Ao pé lhe punha os moveis favoritos,
E os amigos da infancia, os caros livros.
Conquistas meditando quando as Belas
Para o baile, e o festin se aderessavão.
Ela ao canto do lar, junto ao seu velho,
Lhe ouvia a historia dos guerreiros feitos.
Dançava, ou já na cithara cantava
Velhas arias qu'outr'ora o encantarão.
Ao leito o conduzia, e a cabeceira
Velando, atenta o sono lhe espreitava.
Ela ameza lhe punha, e do cheiroso
Nectar das plantas d'Asia, o aquecia.

Debalde seus amigos lhe dizião ,

« De fastio piedoso em leis austeras
Ha-de irse a mocidade , suportando ,
Ignara d'hymenéo , viuvéz triste ?

Segurai esses rapidos instantes
Vós os lamentareis , porem já tarde :
Qual relampago vai-se a juventude ,
Tristes deveres aligeire o esposo. »

« Ai ! minha Maen morréo , dizia , e a morte ,
Do já cansado pai confiou-me aguarda.

Deleite a multidão prazeres futeis ,
No prazer evitar , minha alma goza ,
Gozo quando deixando o sono , vejo
Um raio d'alegria em seu semblante ;
Gozo quando aleitura a noite alongo ,
E junto ao leito lhe adormento as dores.

Gozo de dia quando no meu braço
Apoiando , lhe ajudo os debeis passos.
Em novos laços preza , a mocidade
Repartindo entre objectos dois queridos ,
De meus cuidados parte amor lhe obstára ;
Amando-o tanto , menos o servira.

De minha Maen pela alma juro ; nunca
Haverá de meu pai , quem me separe. »

Assim falava : e assim possa meu canto
Nutrir , firmar tão puros sentimentos.

(56)

Da bela arte que adoro, arte que enleva,
Sublime emprego, assim vos honra o mundo,
E os pios sons da cithara sagrada,
São da terra o amor, dos ceos as vozes.

A INDIGENCIA.

TRADUÇÃO

de outra passagem do mesmo Poema, e mesmo canto.

1807.

Não o esqueças ; nem sempre o desgraçado ,
Vem ao publico expór á lús do dia,
De seus males domesticos o quadro.
Seu segredo ocultando , a desventura
Sua vergonha tem , seu nobre pejo ;
Só , refugiado no sombrio asylo ,
Vai ocultar-se de indiscretas vistas.
Ide busca-lo n'essa instancia horriavel ,
O momento espreitai , eo bom acaso.
O consolo da doce Caridade ,
Bem como o genio , bem como a victoria ,
Enviados do ceo , tem seus momentos.
Pegai do ensejo. Esse homem vedes
Vista espantada , qual do abismo á borda ,
Hesita , e treme , recuando ao crime ;
D'um movimento subito arrastado ,

Mancha no roubo as mãos, do roubo córa :
 Foge; seguio, no culpado tecto
 Com ele penetrai. Scena d'angustia!
 Meninos meio-nús, no chão deitados,
 Hirtos de frio, secos de mizeria,
 Tocão do berço á morte: nem conhecem
 Da infancia folgazan o jogo, os brincos.
 Debalde busca o irmão da Maen nos peitos
 Gotas d'um leite pela fome exausto.
 Nuas paredes: um leitão funesto
 Hontem dos trastes vís levou-lhe os restos,
 E de males por cumulo seu preço,
 Lhe devorarão avidos credores.
 Nudez, luto, silencio em toda a parte.
 A desesperação mudo abafando,
 Junto a eles o pai triste, habatido,
 Mais do que a fome lhe atormenta o crime.
 Não prova o pão culpado, atira aos filhos,
 E os bocados disputão mãos famintas.
 De pois com ár, com vista, e vós magoada,
 Com que seu coração partido exprime
 Do crime todo o horror, do mal o excesso. »
 « Estrangeiro, que a stancia da desgraça
 Violaes, minha dór espreitar vindes?
 Vinde, vede essa Maen, vede esses filhos,
 E do esposo, e do pai vede a desgraça.

Menos cruel the hoje, ai! foi-me a sorte,
Era infeliz, não era criminoso.

Despertai tudo : meu suplicio anhelô,
Graça me fas a lei que me castigue.

Ai! meu cruel destino pode um dia,
Transformar o ladrão n'um assassino.

Tirai-me a lûs, livrai-me de mim mesmo! »

A taes vozes succumbe á dór. Ditozo,

Vós que adoçaes dos deoses a injustiça!

Caião oiro das mãos, dos olhos lagrimas;

Calmando o mal, o crime reparando,

Calado, esta lição colheis sublime :

« Quem previne a mizeria, o poem-se aos crimes. »

TRADUÇÃO

DE UNS VERSOS

dos muitos que se acharão nas prizoens de França depois
do dia 9 de thermidor.

1807.

HA dois annos que n'esta torre habito ,
Justo salario de passados erros.
Ó tu quem quer que sejas qu'has-de um dia ,
Neste misero sitio succeder-me ,
Esta lição proficua de mim toma :
« Feliz mesmo emprisão ser pode o homem. †
De certo vale mais com passo livre
A bela natureza examinando ,
O prado ver de flores matizado ,
Do que quatro paredes quasi escuras.
Mas se he força ficar feixado n'elas ,
Cumpre o segredo ter de achar-lhe gosto.

O bom segredo, se sabe-lo queres,
Consiste n'alegria : eis o misterio.

Ela embeleza a lugubre masmorra :
Supre da terra os bens, finge a grandeza,
Humanos infortunios acalenta,
Superior a desgraça nos coloca.

Em quanto amim, zombar sei de meus ferros,
Faço chocalho das cadêias minhas.

As que no mundo vi, ah! valem tanto ;
Bem pezares me derão muitas vezes.

Desta prisão assim bani tristezas,
Que mais cá não virão ; elas que cercão
O homem, vezes mil no seu palacio
Co' o peso o presso de riqueza imensa.

Quanto me cerca vejo com bons olhos.
D'uma fria muralha o triste aspecto,
A mobilia, e de palha o leito escasso,
E o temeroso rato á cabeceira
Que o barrete roendo me desperta ;
Rio de tudo. Em vão alguns amigos
A quem dóe minha sorte, n'este aperto
Vem ver-me pela fresta, e magoados
Pelo infortunio meu, sombrios, tristes,
Como buscando que cou eles chore,
E a tristeza importuna em mim penetre.

Eu os consolo, e então rindo, lhes digo :
 « Socegai , porquem sois , caros amigos ,
 Vossa pena , deixando-me obrigado ,
 Em nada muda o meu alojamento ,
 Quebrar não pode da inimiga porta
 Despiedado ferrolho a muro emeio.
 He quasi sempre inutil o queixame ,
 Fica por força quem sair não pode.
 Dai uma vista d'olhos ao meu quarto ,
 Não he mui belo , nisso estou d'acordo ,
 Nem a ferem ornatos sumptuosos
 Cuja magnificencia insulta o pobre.
 Porem notando bem , dareis com tudo
 Que a suster a existencia he necessario.
 Aqui tendes um pão , e a bilha d'agóa ,
 He quanto basta para a fome , e sede.
 Esta mesquinha fresta a drede feita ,
 Ao ar permite aqui vir stagnar-se ,
 Para não sufocar he quanto basta .
 Ameza he coxa um tanto , porem n'ela
 Comodamente meus manjares como.
 N'esta tripeça sento-me á vontade
 Bamboleando um pouco , me carrega.
 Descomedoiro a Ingleza está visinho
 Ao lugar onde faço os meus banquetes.
Là mon boudoir.... mais je ne boude pas.

Quando o meu carcereiro de ar casmurro,
Me trás o insulso caldo, temperado
Pelo apetite só: mal que das chaves
Vem o ouvido ferir triste tenido,
Precursor da presença stulta, e feia,
A seu encontro me adianto prestes,
De alegrãr-lhe a carranca venho ao cabo,
E he n'outro dia a sopa melhorsinha.
Mesmo a the fala de maneira a favel,
E as vezes o vilão parece urbano.
Da vida em qualquer cazo, amigos caros,
A alegria entregai vossa existencia.»
A ti me volto successor mesquinho,
Aprende a rir da tua desventura.
Se um dia aos tribunaes levado fores,
Se de fatal sentença o pezo temes,
Busca incitar o rizo em teus juizes,
E desde logo co' a indulgencia conta.
Tranquilo vive; deixo-te sem pena
Meu albergue de forma em nada nova.
He forno de verão, de inverno he gelo.
Se d'aqui para rua escapar tentas,
Eu te previno que he baldada empreza,
A somma de teus males dobrarias;
Nunca prizão guardou melhor seu prezo.
Dos grossos muros o cimento eterno,

(64)

D' Alcides mesmo resistira á força.
D' este edificio o perfido architecto,
Mui bem soube em seu zelo farisaico,
Sacrificar ao solido, o bonito.

A MORTE D'ORPHEO.

Livremente traducido do Livro IV das Georgicas
de Virgilio.

1807.

TREME, um Deos te persegue, em ti se vingá;
Vem-te d'Orphéo as dores que te oprimem.
Mas o suplicio passa além do crime.
Assustas-te-lhe um dia a fida esposa,
E a misera não vio de ti fugindo,
Serpente que a seus pés cobrião flores.
Cerrou-lhe os lindos olhos ferreo sono;
E as Ninfas de seus jogos companheiras
Movem penhas, saudades ululando.
Lagrimas verte o belicoso Thracio,
O Rhodope gemeo, murmura o Ebro,
E Orphéo metido por agrestes selvas,
Solta o pranto, os suspiros desabafa;
Ilude a viuvés tangendo a lyra.
Terna esposa, por ti fatiga os Echos
Noite, e dia por ti derrama lagrimas.

Vence do Inferno alfin, o trilho horrendo,
O bosque umbroso habitação do medo,
Do despiedado Rei do negro Averno,
Entra afoito os dominios formidaveis.

Da lyra aos magos sons em chusma acodem
Espetros feios, lividos fantasmas,
Virgens, heroes, esposos, maens, filhinhos
Nos braços maternas em flor ceifados,
Victimas a que a Stige rezes nove,
Sinuosa pestifera circunda:

Qual o volatil bando que rebanha
No bosque, as trevas, ou procela subita.
Párão no Averno statico os tormentos :
Na roda imovel Ixion respira,
Pela primeira vés suspira Alecto :
E nem Cerbero os manes amedrenta
Roucando no antro o triplice latido.

Já vencedor, do Inferno arranca a esposa,
Com ela foge das tartareas furnas.
Mas Proserpina quer que veç não deva
O caro objecto, sem deixar seus reinos.
Dextasi arrebatado o amante cede
Do dezejo imprudente ao viço impulso,

Bem digno de perdão, se o inferno o desse.
Pára, volvendo a aquela que o namora,
E ao ve-la perde a dita de goza-la.
Impassivel, a graça revogando,
Plutão, de novo recolhendo a victima,
O inferno vezes três urrou de jubilo.

Querido esposo! ai! grita a mesquinha,
Que fizeste? Destino rigoroso!
Teu vehemente amor perdeo-nos ambos.
Adeos!... dos olhos ja me foge a vista;
Tua Euridice, Orphéo, debalde estende
Para tocar-te a mão, desmaia o braço,
A Morte em torno amim desdobra o manto,
Longe da lús, de ti me arrasta.... eu morro....
Adeos!... qual tenue fumo s'evapora.
Debalde a chama Orphéo, debalde a segue,
Só vé nos braços mentirosa sombra.
Nem mais consente o inhospito barqueiro,
Que suas margens pize. Vezes duas
Perdida a esposa, malfadado amante,
Onde saudoso irás, magoado onde,
Arrastar tua dor, verter teu pranto?
Com que sons com que lagrimas já podés
Abrandar do Cocito os duros numes?

D'Euridice perdida a sombra fria ,
Lá vai de Phlagnetonte sobre as agoas !

Do gelido Strion só nas cavernas ,
Seus destinos chorou por mezes sete.
Manso era o tigre ao mavioso canto ,
E o carvalho curvava embrandecido.

Qual na calada noite Philomela
Enternece queixosa a Natureza ,
Gemendo acuzava o caçador tirano ,
Que com furtiva mão rouba do ninho ,
Dos seus ternos amores as premicias ,
De macia penugem revestidas.

Não mais amores , himeneo , prazeres ,
Em remotas agrestes estranhezas ,
Entre ignaras do Sol negras florestas ,
Dos Hyperboreos solitarios cumes ;
Acuzava Plutão , chorando a esposa.

Em vão ganhar-lhe o amor belezas cento
Procurão : desdenhadas , iracundas ,
Dos nocturnos mysterios a coberto ,
Com mão sanguenta os membros lhe dispersão.

(69)

Rola no Ebro a livida cabeça ,
E a fria lingua balbuciar procura
Euridice : eo suspiro derradeiro
Vóa , o nome d'Euridice levando.
Por longo tempo as Naiades queixosas
Euridice chamarão , longo tempo
Echo saudosa repetio Euridice.

VENTAGENS DA VIDA CAMPESTRE.

Tradução livre das Georgicas de Virgilio.

1807.

FELIZ o sabio que da Natureza
Segredos prescrutando , as leis conhece ;
Que os erros piza , e o medo , afronta a morte ,
Ri das chimeras d'Acheronte avaro.

Venturoso o que segue as leis suaves
Das campesinas francas divindades :
A purpura dos reis , lictoreas varas ,
Surda ás do sangue , do interesse as vozes ,
Em furia o Ister batalhões vomite ,
Vencendo estados mil , floreça Roma ,
O dezejo importuno , o dó penoso
De seus dias a pás não vão turbar-lhe.
Nunca nos tribunaes soou seu nome
De vãos direitos disputando a posse.

Na terra que regou vé seus thesoiros ,
D'arvore que plantou se aquece e nutre.

Outros co' remo as vagas atormêntem ,
A viltem-se na corte ; e o guerreiro
Das familias terror , o ferro amole
Cidades saqueando , o sangue entorne
Do gasto velho , do menino debil ,
Para em oiro beber , dormir na purpura.
Seus thesoiros o avaro enterre , incube ;
Na tribuna o orador , na scena o vate ,
Nutra a vaidade popular encenço.
Tinto em sangue do irmão , o irmão blasone ,
E vá durar , morrer da patria longe.
Em pás o lavrador dirige o arado ,
Os campos lavra , que seus pais lavrarão ,
O estado nutre , os filhos , os rebanhos ,
E os bois d'util trabalho companheiros.
Povoa-lhe o curral do armento a prole ,
Farta ceara peja-lhe o seleiro ,
De Pomona cós dons os cestos vergão ,
E d'outono os calores bemfazejos ,
Os perguicosos cachos assucarão.
Goza da brauda na estação gelada :
Gratos mimos as arvores lhe ofressem ,
Gostozo azeite corre em fios d'oiro.

Pendem do colo seu, bejos pedindo,
A melhor das riquezas, os filhinhos;
E na frugal familia o pudor brilha.
O doce leite espuma entre seus dedos :
E os cabritinhos có as nascentes pontas,
Sobre a relva brincões saltando marrão.

Sabio reparte de descanso os dias
Entre devoto culto, e prazer util :
Promete premios ao sagás, ao forte:
Este mostra na luta ardil, coragem,
Est'outro na carreira alcança a meta,
E da victoria o grito, acorda os echos.
Os antigos Sabinos na innocencia
Dos singelos costumes, florecerão :
Dos soberbos Toscanos a potencia
D'estarte se augmentou : d'estarte Roma
Hoje dos homens arbitra, e do mundo,
Deve a rusticas mãos seu vasto imperio.

Dias da idade d'ouro, amenos dias!
Ó costumes campestres, são costumes!
A grei sem dono, sem tirano os mares,
Em paz vivião : o clangor da tuba

(73)

Não conglobava furibundas hostes,
O oiro corruptor, ferro homecida,
Movei, arma das guerras, não havião
Corrompido, assolado a madre terra.

TRADUÇÃO

DE UMAS COPLAS DE LAFONTAINE,

Tomo primeiro.

1807.

JUNTO a Sylvia se morre d'amores,
Doce dita the dos Reis querida,
Como nós em seus ferros os Deoses,
Se morressem, perderão a vida.

Eles deixão de Venus a corte
Por tão grato martirio anhelando,
Vão, das Aras da Maen de Cupido
O imperio de Sylvia augmentando.

He mais fresca do que a Madrugada,
Mais viçoza do que a Primavera,
Quantos olhos a virão o dizem,
Sente o peito o que a vista asseyéra.

Seus repudios tem tantos encantos,
Que se podem tomar por favores;
Que prazeres dará nos agrados,
Se dá tantos prazeres nas dores?

Mil amores a pós mil amantes,
Cada dia a servi-la se apressão,
Dos suplicios que sofrem contentes,
Cuidadosos a dor não confessão.

Seu semblante embeleza estes bosques,
E meu pranto os arroios augmentão;
Mui feliz de regar nesta sombra
Tanta flor que á seus passos rebentão.

Sobre a relva sentado outro dia,
N'este sitio, o seu nome cantava,
Para ouvi-lo Favonio corria,
E meus cantos aos Deoses levava.

Escrevi-o na casca das arvores,
D'ele encher eu quizera o universo:
Os pastores em pedra o gravarão,
Em um templo, e por baixo o meu verso.

Era assim que n'um bosque afastado,
Seu amor Lycidas exprimia,
Porem Echo infiel aos segredos
Aos pastores d'em torno o dizia.

Á VIRGILIO.

TRADUÇÃO

de uma passagem do Liv. IV do Homem dos Campos,
Poema de Delille.

1807.

PORQUE tão longo sou com taes conselhos !
Quando dizer bastava : Lé Virgilio !
Ah ! com que melodia ensina a Ausonia
Os rusticos trabalhos ! Como he justo
Traçando seu pincel campestres scenas !
O arroio em que o zagal vé pensativo
Fluctuar sua imagem , menos fido ,
Dobra de suas margens as boninas.
Se pinta amores , pastoris concertos ,
Nos seus versos respira a idade d'oiro.
Lé Virgilio , e feliz se o saboréas ,
Mal do que o lé sem dar-lhe algumas lagrimas !
Quando exclama no canto sonoro ,

Ó feliz ancião, guardas teus campos!
O velho Camponés quanto me agrada?
O pomar que plantou vejo, e a choupana
Onde nasceo; a terna róla oiço,
E o pombo amante no alamo rulando:
No salgueiral em flor zumbindo a Abelha;
No monte o lenhador garganteando;
Bosques, ribeiros, ah! sortear quem pode,
Fieis retratos de mais lindas cores?
Vozes ressóão novas, Gallus canta;
Lycores chama, Lycores ausente;
Aos pés, de sua Lycores, mimosos,
Pede á geada que desponte os gelos.
Do canto pastoril Nume, ó Virgilio!
Meu mestre! pesquizei a Natureza,
Quando canta-la quis; vaguei absorto,
No bosque e prado; e achei-a nos teus versos.
Se de tua coróa apanhei flores,
E altivo remedar ousei teus quadros,
Perdoa: quem pintára como os sente!
Mas os primeiros traços animarão,
Se gloria me não dão, derão delicias.

MEMORIAS DO TEMPO DA INFANCIA.

TRADUÇÃO

de outra passagem do mesmo Poema, e mesmo canto.

1807.

Os belos sitios vi que o ser me derão,
Feliz vivenda, ó campos da Limagne,
Passados annos vinte, á vos corria.
Apenas o Montdór no longe obscuro
Vi, seu cabeça alevantando imenso,
Bateo-me o coração, fugio-me a vista;
A risonha planice, oiteiros ferteis,
Nada via; minha alma impaciente,
Julgava tardos os cavalos rapidos.
Implorava, chamava o sitio amado;
Vi-o, e prazer gozei n'alma estrangeiro!
Hia, vinha onde os olhos me levavão.
Gratas lembranças na memoria fervem.
Arvore de meus jogos testemunha
Aqui está, onde Zephíro cioso

Meus palacios na aréa desmanchava.
Ali , lançada a pedra no ribeiro,
Saltava , resvelava , e ressaltava.
Um nada m'entretinha : e quam gostoso
Molhei de ternas lagrimas o velho,
Que meu passo infantil susteve outr'ora!
Essa que de seu leite me nutrira,
E o discreto Pastor que deo-me o ensino!
Quanta vés exclamava : Testemunhas
Do nascimento meu , queridos sitios!
De meus primeiros gostos que fizestes ?

A MELANCOLIA.

Traduzido do Poema da Imaginação por Heille,
cant. 1º.

1808.

MAIS que o jubilo doce, de infelices
Terna Melancolia, grato enlevo?
Cores acharei finas que te exprimão?
Teu sorriso me aprás, amo o teu pranto,
He com tuas feições a dór gostosa.
A desesperação quando acha lagrimas,
Vai a Melancolia confia-las ;
Não vai curar o mal, vai mitiga-lo.
A alegria importuna, e ela acolhe
Ao sair dos tormentos o infortunio,
E sorrindo á desgraça triste, e a favel
A dormenta o pezar, a dor embota.
Delicado matiz de gosto, e penas,
Sofrimento não hes, não hes delicia,
A alegria te evita, a angustia foge,
Hes filha da desgraça e tens seus visos.

Que sitios, e que tempos, e que imagens
Sua ilusão querida mais prefere?
O coração advinha : retirada
Afasta a multidão, motins enoja,
Selvagem foge de indiscretas vistas:
Ao longe satisfeita, escuta os ventos,
O murmúrio do mar, do chorro a queda;
São seus prazeres o deserto, as selvas.
Só com seu coração, mais goza d'ele;
Apras-lhe a natureza triste um tanto;
Cré que em segredo lhe condóe seu luto.
A Lua a vé mil vezes pensativa
Sua macia lús, mirar saudosa.

Não são da Primavera ás louçanias,
E nem do Estio esplendidas riquezas,
Quer o palido Outono desfolhando
Com descahida mão froxa coróa.

Quando grosseiro gaudio a turba compra,
Nutri-lhe o coração, um sonho, um nome:
Quando o tumulto em orgias nas cidades,
De instrumentos aos sons, á lús dos lustres
Brilha o oiro, sentila o diamante,
O espirito requinta : pensativa

(83)

Sobre amão a cabeça reclinando,
He seu festin querido uma saudade.
Magia das artes vem, d'amor esmero,
Vive em meu coração, dita meus versos.

A DESCONFIANÇA.

Traduzido do mesmo Poema , can'õ 6º.

HE fecunda em suplicios a suspeita :
N'alma desconfiada dominando,
Todos os nós relaxa , estraga os gostos.
O caminho da vida he todo espinhos,
Teme a ventura, d'amizade foge.

Vé Damocles na corte d'um tirano!
Em vão no Paço os canticos ressoão ;
Em vão na meza splendida , os manjares
Unem da terra , e mar tributos d'arte ;
Da sinistra amizade ameaçadora,
Palido , espavorido , aos labios lividos
Toca tremendo insulsas iguarias.
Ergue espantada vista aos aureos tectos,
E encara o mortal ferro pendurado.
Tal da vida a suspeita he no banquete.

Que digo ? o doce nectar envenena ,

Dá projecto ao acazo , corpo á sombra,
E mesma contra si punhaes aguça.
Nos termos inocentes fel derrama,
E das proprias chimeras se hõrrorisa.
Tal nas florestas timidos humanos,
Deoses temião que formado havião.
Urgente precizão da humanidade
He conversar dos males que sofremos,
Seu coração no coração do amigo
Entornar, repartindo o gosto, a magoa.

Só tu não gozas, martir da suspeita,
Da confidencia o alivio : o teu segredo
Em vão te o prime, a o seio de que amigo,
Confia-lo ousarás, se amar te assusta ?
Teu suspeito coração transtorna
Puras dilicias em suplicio. A abelha
Torna letal veneno em mel gostoso,
Tu convertes em fel gratas doçuras.
Antevés n'amizade o odio, e arrasta,
De suspeita em suspeita amor cioso.
Rompe teus laços inimigo genio.
Tu não tens patria, tu não tens parentes.
Eiste só : foge, os vivos abandona,
Habita nos rochedos, e có as plantas
Nas solitarias, nas agrestes brenhas,

A DESCONFIANÇA.

Traduzido do mesmo Poema, can'õ 6.^o.

HE fecunda em supplicios a suspeita :
N'alma desconfiada dominando,
Todos os nós relaxa, estraga os gostos.
O caminho da vida he todo espinhos,
Teme a ventura, d'amizade foge.

Vé Damocles na corte d'um tirano!
Em vão no Paço os canticos ressoão ;
Em vão na meza splendida, os manjares
Unem da terra, e mar tributos d'arte ;
Da sinistra amizade ameaçadora,
Palido, espavorido, aos labios lividos
Toca tremendo insulsas iguarias.
Ergue espantada vista aos aureos tectos,
E encara o mortal ferro pendurado.
Tal da vida a suspeita he no banquete.

Que digo ? o doce nectar envenena,

Dá projecto ao acazo, corpo á sombra,
E mesma contra si punhaes aguça.
Nos termos inocentes fel derrama,
E das proprias chimeras se horrorisa.
Tal nas florestas timidos humanos,
Deoses temião que formado havião.
Urgente precisão da humanidade
He conversar dos males que sofremos,
Seu coração no coração do amigo
Entornar, repartindo o gosto, a magoa.

Só tu não gozas, martir da suspeita,
Da confidencia o alivio : o teu segredo
Em vão te o prime, a o seio de que amigo,
Confia-lo ousarás, se amar te assusta ?
Teu suspeitoso coração transtorna
Puras dilicias em suplicio. A abelha
Torna letal veneno em mel gostoso,
Tu convertes em fel gratas doçuras.
Antevés n'amizade o odio, e arrasta,
De suspeita em suspeita amor cioso.
Rompe teus laços inimigo genio.
Tu não tens patria, tu não tens parentes.
Eiste só : foge, os vivos abandona,
Habita nos rochedos, e có as plantas
Nas solitarias, nas agrestes brenhas,

Onde só possas increpar os Numes.
Mais não pretendas concorrer com homens,
Vé-los não deves mais, nem mais ouvi-los.
Vive para o pavor, o mais não sentes.
Hes mais que os mortos estrangeiro aos vivos,
Uni-os saudade, e a ti separa tudo.

Esse escritor que fés ouvir as vozes,
As vezes da razão, d'amor as vezes,
D'um tal tormento estranho foi pungido.
Que talento sublime! que sciencia!
Porem quanta injustiça, e que fraquezas!
O temor o tomou deixando o berço,
Foi com ele o temor á sepultura.

Vós que saboriastes seus escritos,
E vós que lhe deveis lições, e lagrimas,
Do doce pranto, das lições em paga,
Sensiveis peitos, vinde, eu vo-lo entrego;

.

O debil velho, o timido menino,
Que de perfidia nem conhece o nome,
O hospede, o parente, o amigo o assustão.
De bemfeitor o nome o terrorisa.

Que mortal houve que na ora extrema,
Não expirou nos braços de quem ama!

Que não encontrou lagrimas nos olhos
D'um irmão, d'uma irman , da esposa , ou filho !
O misero morrendo, apenas sofre
Que estranha mão as palpebras lhe cerre.
Nem um amigo ali que os olhos busquem :
Recebe o sol seu ultimo suspiro.

IRIS.

Imitação da IIª Egloga de Virgilio.

1811 no mar.

APINO o Sol, calores dardejava
N'estas placidas ribas, quando errante
Aos magoados desertos repetia
Seus males Coridon : Iris amava,
De estranhos, quer traze-la aos patrios campos.
Mas a pastora prometida a outro,
Lastima Coridon sem contenta-lo.

O amoroso pastor fugindo aos jogos,
Por entre faias caminhava occulto.
Lá conduzindo o languido rebanho,
Estas vozes um dia suspirava.

Correi de vida odiosa amargos dias :
Já que do coração foi-se a esperança.
Pois que outro mais feliz teus mimos goza

Iris cruel, a vida a que me serve?

Ah! condoão-te aumenos meus queixumes!

Eis agora da sesta, e dos ardores

Do sol, o ceifador tranquilo a abrigo,

Nos braços de Morféo repara as forças.

Silvia com seu pastor do bosque á sombra

Goza da viração junto ao rebanho.

Eu só, do ocio alheio, afronto a calma,

Por estas selvas minha dor levando.

Terna aos gemidos meus Echo responde,

Tudo demim se dóe, so tu resistes.

Antes assim por Philis me abrazasse,

Assim porque não amo a filha d'Arcas?

Se ás tuas, suas graças não igualão,

Menos ais me custára, he menos fera.

Na tua fina cór não fies tanto,

Um dia a murcha, um dia as flores murcha.

Como o lirio a beleza, a Aurora afaga

Hoje, amanhã voltando a desconhece.

Porque me foges? Muita grei possuo

Nos que banha Arethusa ferteis campos:

The quando a limfa, e o ár o inverno gela,

Minhas ovelhas de bom leite abundão.

Meu canto lembra d'Amphião as vozes;

Dos campestres concertos ganho os premios.

Se lizonja não ha no claro arroio
Que serpeia no bosque ; se dos mares
O espelho quando o vento o não balança ,
He fiel nos retratos , muitas vezes
O tranquilo cristal me tem mostrado ,
Que mais formoso qu'eu não he Mirtilo.

Não temas habitar nossas florestas ,
De tuas graças nascerão prazeres.
Preferindo aos palacios estas choças ,
O puro amor com nosco alegre vive.
A das aves, aminha, unindo as vozes ,
Festivas Echos despertar havemos.
Havemos d'igualar em melodia
As arias com que Pan deleita a Arcadia.
Pan invertor d'essa arte que na fruta
Sons maviosos respirar ensina.
Pan nestes bosques reina, os prados ama ,
He dos pastores, dos curraes o Nume.

A teu mando acharás docil rebanho ,
Verás cabriolar ao son da gaita.
Tua amada das graças linda boca ,
Tocará sem desdoiro a nossa avena.
Uma conservo para ela adrede,

Tão doce, que ciume ás aves cauza.
Quasi espirando, nesta praia, Tyrcis,
Deo-me por d'Amizade ultima prenda:
A tal mimo unirei, se tu quizeres,
Dois lindos anhos, um gentil cajado,
Dois cabritos montezes que outro dia
D'ao pé da fonte persegui a custo.
Zelos Laura ha de ter, ela os queria,
Más são mui guápos pr'a não serem d'Iris.

Tudo por ti se enfeita, alegras tudo,
Seguem os passos teus de Flora as Ninfas,
Ceifa de flores teu caminho junca.
Nos jardins qual abelha voltejando,
Enche o cubás de flores a Napéa,
Com destra mão sorteia os ramelhetes,
Une o mimoso lirio, á alegre rosa.

Terás do meu pomar doces primicias;
Seus fructos a Amarillis deliciarão,
Refinão em sabor, em cores brilhão:
E quando forem teus serão mais belos.
Mirtos floridos ei sempre viçosos,
Simbulo caro de fieis amores.
Loureiros sempre verdes te ofereço,
Quaes as vezes consagro ao Deos dos versos.

Insentato, que digo! de tristeza
 Negra nuvem m'envolve os jovens dias.
 Fui livre outr'ora, meu tranquilo peito
 Langor assim letal não conhecia :
 Contente de meu gado, sem desejos
 Passava como a sorte, a vida pura.
 Hoje o sangue me inquieta amor tirano,
 Qual Aquilo do arroio inquieta as agoas.
 Por estas faias tem cantado Numes,
 Deosas tem nestas frautas modulado.
 Do motin das cidades gosta Pallas,
 Das cabanas a pás Venus prefere,
 Já d'um pastor guardou Diana o gado.

Da inclinação ao imperio tudo cede,
 Governa os corações secreto impulso;
 Junto aos curraes o lobo a preza espreita,
 Gosta o cordeiro do florido prado.
 Mais grata propensão me dis qu'ao mundo
 Vim, só para ser teu Iris querida!
 Votos estereis, vãos projectos, onde,
 Te leva Coridon fraqueza tanta?
 Por estes antros teus queixumes perdes.
 Ressóe a fruta prazenteiro canto.
 Na mole soledade em quanto minguas,
 Languisce avinha o alamo abraçando.

Evita o ocio de fatal encanto,
Dando ás lidas campestres uteis dias.
Deixai caro rebanho agrestes sitios,
Vinde pascer em margens mais amenas :
Pois que meu voto he vão , Iris tirana
Ah! vamos esquecer junto a Climene.

TRADUÇÃO IMPROVISADA

DE UNS VERSOS DE METASTASIO.

Solitario bosque umbroso ,
Vem aflicto o coração ,
Procurar triste repouso ,
Na tristonha soledão .

Objectos que aos mais agradão
São para mim sem sabor ,
Perdi a pás, perdi tudo ,
De mim mesmo tenho horror .

Minha Filis, o meu bem ,
Dizei plantas , quem a vio ?
Ai! por toda a parte a busco
Tudo dis qu'ela partio .

Quanta vés folhagem grata ,
Nos deste sombra querida !
Ah ! como ligeiros passam
Doces momentos da vida !

Dizei-me ó folhas amigas,
Meu bem tornarei a ver?
Echo enfadonha repete,
Isso não, não pode ser.

Sinto um suave sussuro,
Ceos! um suspiro será?
Do meu idulo um suspiro
Que me dis « Sim, tornará? »

O murmurio do ribeiro
Que vai nas pedras quebrando,
Não he murmurio, saudoso
Vai minha dór lamentando.

Se já não volta, mui tarde
Então a volta será,
E Filis nas minhas cinzas
Frio pranto entornará.

TRADUÇÃO

DE VARIAS COPLAS DE LEGOUVÉ.

Florindo ás portas da morte
Mandou chamar confessor ;
Eo kirie de seus pecados
Desfiou com viva dor.

O padre pregou , e foi-se ,
O inferno exclamou : que arranjo !
Que ideas !... Falou do inferno
O bom padre , como um Anjo.

OUTRA.

Certo Prelado almoçava
Quando chegou certo Abade,
Ofrece um, recusa o outro,
Eo porque dis, em verdade.

Almocei já duas vezes :
Torna o outro, isso he comum,
Almoce três : não, não posso
Que hoje he dia de jejum.

OUTRA.

Certa Lais perdido havia
O mais estremo amante ;
Vai ter com ela um amigo,
Que a julgava agonisante.

No toucador mui risonha
Com ela foi deparar ;
E admirado lhe dice,
Eu vinha vos consolar.

Pensava que de amargura
Estiviseis a morrer !
Ah ! hontem , lhe torna a Bela,
He que me havias de ver.

A MELANCOLIA. (1)

Por M. Legouvé.

O posta ao regozijo, do silencio
Gosta a melancolia, só com sigo
Jogos desdenha, e estrepitoso jubilo,
Que gela o coração, aturde a mente.
Do regozijo o afan n'alma sensível,
Não val o langor doce da tristeza.
Siga-se o melancolico na estancia
Adornada de esmeros da pintura :
Não gosta do pincel que retracera
Festins brilhantes, engraçados bailes :
Quer pezarosas cores, lamentando
Do amante, e do proscrito as desventuras :
Da téa magoada que os retrata
Ouve sair queixumes, e extasiado,
Avidos olhos no painel estaca.

Mais que em tudo na scena quer magoar-se :
Para ouvir Orosmane, Emília, Phedra

Preza do proprio amor que reprehende ;
Vede como solícitos concorrem !
Cada qual preza o lance que lhe fere ,
Dá cada qual por sustos mentirosos ,
Falsas desgraças , verdadeiro pranto.
Mesmo longe d'ali o peito , e os olhos
Guardão por longo tempo a faveis lagrimas.

Lendo , que livro admira ? admira aquele
No qual enternecido o autor suspira :
A Iliade , de Hector pintando a morte ,
Os versos em que Dido ulula , e freme ,
Lamentos de Tancredo , ardor d'Herminia ,
Paulo e Virginia , Werther , Heloisa ,
Sentidos quadros , ternos recitados ,
Quaes se a Graças em pranto descrevessem ;
Do sabio , do ignorante apetecidos ,
A noite lé ; e as vezes quando a Aurora
Do rozado o riente abre o palacio ,
De livro aberto o vé , que o sono esquece ,
E só de solidão farta sua alma.
Cahe na umida pagina uma lagrima ,
Lagrima doce , emblema da saudade ,
Arroubo da delicia : venturoso
Quem a sente , infeliz quem a despreza.

Contemplemos os prados esmaltados !
Da messe o oiro, a purpura dos cachos ;
O risonho prospecto agrada azinha ,
Mas preferimos o sombrio bosque :
N'ele mora a ventura : o sol, e a sombra
Dão lutando , esse ameno quasi-dia,
Suave lús propicia ao sentimento.

E as arvores curvando erguidos cimas
Ora em aléas indo, ora serpeando
Dobras de sinuoso laberinto ,
Fingem arcadas , ou brincados grupos.
Surdo macio Zefiro respira ,
Geme nos ramos que soprando agita :
Tudo a pensar dispoem , tudo enternesse.
Aprás ao coração folhoso tecto,
Meigo delirio a solidão motiva,
E gosta de magoar gratas feridas.

No bosque inspirador se dorme o arroio.
Augmenta as sensações brando murmurio ;
E no queixoso curso que enfeitça ,
Finge que vai rolando ais, suspiros.
Quando o salgueiro ali por meigo instincto,
Banha a coma no liquido saudozo ,

No coração sensível mais se embebem
Melancolicos dons, delicias tristes.
Chorando a planta, as agoas suspirando,
Amigos fingem dois que nos lastimão :
Narrando-lhes então nossos pezares,
E crendo que doídos nos escutão,
Somos felices em gemer com eles.

Lá começa das aves o concerto!
D'entre os cantores um move a saudade,
He Philomella, pranteando ao longe :
Como a sentida vós deleita o bosque!
Como gosto da sombra harmoniosa,
Onde o magoadado canto em ais se alonga ?
O ouvido, e o coração as voses seguem ;
Na magia da musica enlevado,
Nem se libradas sobre mim, reparo
Que negras nuvens de procela engrossão,
Se foge o dia, se o trovão rimbomba,
Se o veo da noite o firmamento obumbra.
Confundem-se c'os meus d'ave os queixumes ;
Ela o canto parou, e eu oiço ainda.
Frios deleites da melancolia.

He do retiro vesper companheira !
Esse que vibra a luz astro grandioso,

Atrair por momentos pode os olhos ,
Quando inundando o ceo no giro ingente ,
Fulgores do zenith aureo dardeja .
Mas deslumbrando a vista brilho tanto ,
Dezeja descansar em lús mais branda ;
Gosta de achar nas nuvens marchetadas ,
O sol que já não vé , porem que sente .
O principio da noite , o fim do dia ,
Do bosque a sombra que no campo avança ;
Das aves o gorgueio derradeiro ,
Flores murchando , o rio escurecendo ,
Das arvores o verde que desmaia ,
De Favonio o bafejo quasi frio :
Palida Phebe que lá vem mostrando ,
Erguendo as nuvens , argentada face ,
E na indolencia amavel do passeio
Finge fantasmas que o silencio guia .
D'agoa que se não vé , brando murmurio ;
E ao longe o mocho lugubre piando .
Quanto se goza na tristonha scena ?
Quanto comove em luto a Natureza ?
Na hora em que do sol fenece o curso ,
O sabio que o medita suspirando ,
Da vida a imagem vé cahindo o dia .

Tal a nós os objectos referindo ,

Se nos tornão mais caros ; tal o outono
Feliz tãrde do anno , nos agrada
Na murxosa beleza descahida.

Quando dos serros Aquilo Sibila ,
Amarelada folha cahe girando ,
Desbota o prado fugitiva graça ,
Seguem do pensador os doutos olhos
Desfalecido passo em que de rastos ,
Vai fria , e muribunda a Natureza.

Se da querida esposa a morte chora ,
Da terra em aflicção lhe aprás o aspecto.
De louçania insulta a primavera ;
Mas o outono padece , quer o outono.
Zunindo os ventos , barbulhando os chorros ,
Cuida que o ouvem qu'a seus ais respondem.
Julga meeiros na insanavel perda ,
Campos desertos , devastadas matas
De seus delirios cheios. Dis aos prados ,
« Foraão-se as flores vossas companheiras !
« Dis aos bosques , co' as folhas vosso enlace
« Foi-se ; eu perdi qual vós meu doce enleio ;
« Venho unir minha perda ao vosso estrago ,
« Casar nossa viuvés , confundir magoas , »
E assim por um momento a dor disfarça ,

Estas scenas tambem procura o vate :
Dai que penetre desfolhada selva !
Quanto gosto da tosca negra roca ,
Que da relva o disfarce despojando ,
O hidiondo aspecto mostra , e terrorisa.
Os Alamos medir gosto , e os carvalhos
Rivaes gigantes dos visinhos montes ,
Que nús de folhas , e na casca envoltos ,
Erguem a calva fronte , eos secos braços.
Quanto me aprás a limfa que fervilha ,
Cascata no verão , no outono chorro :
Murmurava com Zefiro no vale ,
Mas agora com Aquilo rebrama.
Na delicia que susto se mistura ,
Quando estala o trovão , e o raio açoita ,
E em fogachos os ramos escalando ,
Da prostrada floresta abraza os restos !
Tudo entristece , tudo excita o estro :
No luto universal pinceis negrejo ,
Da cór d'angustia se ressentente o verso.

Onde estou ? vejo humilde cemiterio ,
Da humanidade azilo derradeiro !
Campestre cemiterio ? insigne achado !
Oiro ali se não vé , marmore , bronze :
Ali não s'erguem tumulos fastuosos ,

Funerea pompa de orgulhosas sombras
De usurpadores, que na morte acabão,
E estremar-se do povo inda pretendem.
Agreste ornato ali separa apenas
Loizas sem nome, toscas sepulturas;
Confunde o acazo no poeira o resto.

Salve cinzas do pobre, eu te respeito!
Os que d'imenso estoriado marmor,
Com pezo vão fatigão inda a terra,
No feretro mudarão só de morte.
Foi cada dia teu proficuo aos homens;
Curvo no arado, da cidade o ocio
Em servis cofres, teu suor nutria;
Tu quando na peleja urrava Marte,
Defendias o estado que sustinhas.
D'esta estancia tranquila cada cova
Encerra um cidadão util outr'ora.
Salve cinzas do pobre! ahi tens meu pra

Diversa idéa minha dór desperta;
Tal he da morte o imperio inevitavel!
O bom, o mão da morte não se exime;
Fraco rebanho os homens são, e o Tempo
O terrivel pastor que o leva á tumba.
Todo he poeira humana o solo nosso;

E quando ao campo nos convida o outono,
Com descuidados pés vamos calcando,
Monumentos de morte, informes restos.
Taes pensares os tumulos m'infundem :
Nem m'inspirão pavor ; concentro o espirito ,
Sinto a immortalidade melhor quando,
N'uma urna sentado estou có a morte.

Vós que com vosco não viveis, e os gostos
Buscaes fora de vós, entes ociosos,
Que receaes sentir, acordar magoas,
São mudos para vós loquases quadros !
Tu que das artes a magia sentes,
Sentes a vós do feretro, das ruinas,
Que da destruição sondando estragos,
Falas aos restos de aluidos reinos,
Páras nas fataes margens do Scamandro,
D'alta Ilion as cinzas interrogas ;
Que em Palmira consultas enlevado
Sombras augustas, sabios fragmentos,
Que livro em taes muimentos vé teu genio ?
Sobre tão ricos, e saudosos restos,
Os que sem pompa no deserto arrastão,
Aqui d'altiva frente aos ares sobem.
Mas traços gastos, e selvagens rugas,
Do tempo gastador atesta o estrago.

De agradável pavor tomado, estudas,
O que sobre ti rola andar dos annos;
Vés das revoluções procelas rapidas,
Quedas de estados, marcas de conquistas,
Dos volcões, e do mar o cunho horrivel,
Alta lição do nada, e das grandezas.
Estudando dos seculos a injuria,
Dos quebrados colossos as ofensas,
Contando, teus espiritos se exaltão.

Arruinadas cidades abandono;
Os solitarios olhos encaminho
Á ver esses mosteiros tenebrosos,
Sepultnra em que vivo o altar servindo,
Em lenta morte o homem respirava.
A Lei mandou, e logo austeros claustros,
Ferros, misterios, luto despojarão:
Mas seus desertos atrios, seus altares,
Sempre caros serão ao melancolico.
Pios lugares avido procura,
De tantos sacrificios testemunhas.
Os termos formidaveis que as paredes
Inda a medrentão. — Nada. — Eternidade;
As abobadas onde um Deos temendo,
Curvada oraya amagra penitencia;

Acova qu'ao dever cruel submisso,
O triste para si cavado havia;
Do despotico bronse o son noturno,
Que os piedosos fanaticos chamava,
E nastrevas em lugubres choréas,
O repouso geral não desfructavão.
Era outro de amor aqui o encanto,
Muito geméo por essas mudas sombras!
Ah! Comminge, e Rancé quem não lastima?
D'amada ambos viuvos, ternos ambos,
O frio sanctuario em vão buscarão;
Sobre as lapas ardião nos cilicios,
Preces, jejuns, as chamas irritavão,
A Deos no altar, amor os desputava.
Misturarão, mil vezes delirantes,
Nomes d'amada nos sagrados canticos,
D'amor, e do dever duros combates!
Ali morava a pás, e pás não tinhão.
Quem soube amar, d'amor no mal se nutre.
Fui aos lugares, que seus damnos virão;
Aos Echos perguntei por seus lamentos,
Ao altar pelas marcas de seu pranto:
Sobre as pedras chorei, onde chorarão,
Suspiros dei onde eles suspiravão.
E na memoria andei por esses tempos
De amor, quando como eles padecia.

Terna Melancolia , eis teus favores !
Tu , do universo as lagrimas adoças ;
Mudas em quasi gosto humanas magoas.
Se o pincel quizer dar-nos tua imagem ,
Pinte em lugar sombrio recostada ,
Só , pensativa , palida Beleza ;
Surdo mugindo o mar nutra a saudade ,
Mostrem , timidias palpebras abrindo ,
Em pranto delicioso humidos olhos ;
E gostosa dos ais que d'alma exala ,
Tenha um Cypreste ao pé , Werther na dextra.

(1) Em todas as traduções tratou o auctor de conservar o mesmo numero de versos dos originaes.

Mad. de V. mostrando a tradução da Cantata de Metastasio
AMOR TIMIDO, em francez, o autor improvisou verso a
verso a seguinte versão.

QUE queres coração? e quem desperta
Tormentos que sofrer deveras mudo!
Suspiras, gemes, e apertado arquejas,
Ardes, e gelas; e a ti mesmo oposto,
No peito ora te busco, e não te encontro,
Ora conter-te em vão procura o peito!
Ceo! tudo prova o fogo que me abraza!...
Eu sou todo ternura; que mais queres?
Sofrer, gozar, arder ao mesmo tempo,
Eis o estado á que amor levou minha alma:
Desde o dia, o momento.... ah! bem me lembra,
Vi-a.... imprudente.... amor! quanto era bela!
Desde esse dia infausto, ardendo sempre
Nos fogos que seus olhos me lançarão,
Desde esse dia, coração, te entendo,
Palpitas!... sim, dizer queres que sofres,
Cala, não digas o que em nós se passa,
Não me atrações, se tu falas, morro.

Mas que! mingoar d'amor, amor calando?
Do temerario a audacia amor protege :
Sim , aprende de mim, meu bem , eu te amo !...
Obedecer-te amando eis quanto eu quero ;
Crimina-os olhos teus, se crime julgas
Um fogo descobrir que em todos arde ;
Assim culpado eu sou , a naturezo
Tudo que existe assim , he réo commigo.
Sabe.... más ceos !... se a confissão a irrita!
Se irada contra mim.... não , ocultemos
O que alma sente! más sofrer calado ?...
Quero falar, calar , não sei que quero.

Ar, qu'em torno de mim giras,
Gira em torno do meu bem,
Dize-lhe que es um suspiro ,
Más não lhe digas de quem.

E tu , dize-lhe , ribeiro,
Que augmentado as aguas tem
Lagrimas d'um imprudente,
Más não lhe digas de quem.

A VOLTA (RITORNO),

Cantata de Metastasio.

Tradução igualmente improvisada.

Ó linda Irene, que frieza he essa,
Tão nova, e desusada? o teu Fileno
Depois de tormentosa,
Barbara auzencia torna á ti, e os modos
São esses de acolhe-lo? eu sou o mesmo,
Tu a mesma não es: vejo em teu rosto
Um novo não sei que, quando o confronto,
Sensível te deixei, cruel t'encontro.
Que he isso? tu duvidas
Da minha fé talvez? Lingua impostora
De maligno rival,
Acusou-me talvez, e tu com tantas
Provas de minha fé!...
Irene me conhece, e Irene o cré?
Cré mais do qu'em rivaes
Nos gentiz olhos teus; do qu'em minha alma

Se passa, testemunha são mais fida,
Meus olhos fite Irene, e então decida.

Quem mais do meu coração
Pode os segredos saber,
Se n'ele não sabeis ler,
Lindos olhos do meu bem?
Olhos que no mesmo instante
Em que me senti amante,
Meu amor que então nascia
Adivinharão tão bem.

Ah! quam singello sou, vou de meus males,

A causa procurando

Em outros, quando n'ela a estou notando!

Não he ira de zelos,

Orgulho he seu rigor: sim, menos bela,

Era quando eu parti: então pensava,

Em conservar conquistas, e Fileno

Talvés que entr'elas, ultima não fosse.

Por minha desventura

Cresce tanto em beleza, que d'amantes

A cadeia se féz quasi infinita.

Qual seu bem, sua dita,

Qual o seu nume a chama; outro que pena

Lhe dis, outro que morre; este lhe louva

Os nacarados labios,

Outro o candido seio: volve os olhos

Mil faz mudar de côr ; surri , mil outros
A suspirar obriga ; a nada atende ,
Certa de seu poder : somente cuida

Em augmentar-lhe o imperio.
E d'orgulho nadado na abastança,
Nem se quer , de Fileno tem lembrança.

Ah ! recorda Irene bela ,
Que me juraste constancia ,
Amado bem volta a aquela ,
Antiga , terna afeição.

Ceos ! que conforto me daes ?
Que esperanças me dá ela ?
Do que val viver , se mais
Não he meu , seu coração ?

CANÇONETA.

A linda Armia,
Brincava um dia,
No prado em flor :
Mirtillo ardendo,
Lhe vai tecendo,
Frazes d'amor.

Fresca, e mimosa,
He como a rosa,
Como o pudor ;
Más insensível,
E inaccesível
Á mão d'amor.

Mirtillo ancioso,
Todo amoroso,
Marchando hesita,
Alma palpita,
D'espr'ança e amor.

Chega-se á ella ,
E dis-lhe, ó bella !
(Perdendo a côr) :
No meu delirio ,
Vede o martyrio
Do mal d'amor.

Minha querida ,
Tem dó da lida
D'este pastor :
Cruel não lutes ,
E nem disputes
Poder á amor.

Desta ancia insana
Has-de inhumana ,
Rir com sabor ?
He a indif'rença ,
A recompensa
De tanto amor ?

Eu perco o sizo ,
Se c'um surrizo
Aprovador ,

Não me sustentas,
E não alentas
No peito amor.

Armia vira,
E cheia d'ira.
Dis, ó que horror!
Não me persigas,
E nem me digas
Coizas d'amor.

Bem instruída,
Bem prevenida,
Contra o traidor,
Não me surpreendem,
E nem me prendem
Laços d'amor.

Minha mãe dice
Que se eu ouvisse
Falar d'amor,
Corresse logo,
Sem que do fogo
Sentisse o ardor.

(119)

E então brincando
Foi despregando
Rir mofador.
Mirtillo afflicto,
Soltando um grito,
Cahio d'amor.

AS ROZAS.

POR entre espesso rozal
Cupido um dia brincando,
Picou-lhe o pé um espinho,
E as rozas ensanguentando ;

As rozas que brancas erão,
Tomarão do sangue a cór,
Para perpetua memoria
Do mal que sofréo Amor.

Da terna Mãi para os braços
Voou Cupido choroso,
O triste cazo lhe conta,
E acrecenta vergonhoso ;

Vai mostrar minha vingança
A cór de sangue nas rozas,
Querida Mãi, encobri-a
D'aparencias enganosas !

Por Ciprina bafejada
Então a flor inodora,
Ganhou o cheiro suave,
Com que Zephiro namora.

Assim, ó peitos amantes!
No mal d'amor, de mistura,
Se aparecem amargores,
Lá vem sempre uma doçura.

AS AZAS D'AMOR.

Candidas, como os costumes
Erão as azas d'Amór,
Não variavão como hoje
O Iris varia em cór.

Gom suas setas doiradas
Nos tiros que disparava,
Longe de dór e tormento
Só delicia motivava.

Pelos prados as Pastoras
Com o menino brincavão,
De seu arco, e sua aljava
Muitas vezes se adornavão.

Có as flores, e os passarinhos
Era que brincava mais,
Então não erão seus brincos
Os corações dos mortaes.

A pós uma borboleta
Certo dia volteando ,
Que de rosa em roza hia
De seu cassador zombando.

Cansado foi o invejoso
Queixar-se a Mãe carinhoza ,
Por terem azas do insecto
Mais que as suas , cór formosa.

Vé como da borboleta
O sol as azas ferindo ,
Estão as cores do Iris
Tão bonitas reflectindo.

Repara quando o reflexo
He pela roza quebrado ,
Como assim mesmo he lustroso
O lindo insecto doirado.

As minhas , ás suas azas
Ó minha mãe igualai ,
Eu sou bom , que eu seja lindo
Á Jupiter pedir vai.

Tu que das graças te enfeitas,
Queres sem enfeite amor?
Venus surriou-se, e foi logo
Pedir á Jove o favor.

D'amor as azas vencerão
As Borboletas mais belas :
E para mostrar-se, ufano
Foi, de flor em flor com elas.

E assim brincando, tornou-se
Qual Borboleta inconstante,
Como ela inquieta, e volúvel
O travesso Deos amante.

AVENDA D'AMOR.

Cloris com zelos de Lilia
Que tambem Cupido amava,
Um dia que em seu regaço
O travesso repousava;

Com subtileza á um tronco
Mui bem seguro o ligou,
E depois de o ter bem prezo,
Em colera o despertou.

Anda, vai da tua Lilia
Insulsos mimos gozar!
(Cloris lhe dis) e Cupido
Entrou raivozo á lutar.

Os laços quebrou dizendo,
Livre deve ser amor.
E voando deixa a nympha
Victima de seu furor.

Da clara fonte o espelho
Que junto á ella corria ,
Mostrou-lhe d'amor o insulto :
Mál pode crer no que via.

Olha ainda : e o gentil rosto
Sentindo todo mudado ,
Pede á Cyprina vingança
Contra o filho atraído.

Acode subito a Deoza ,
Ó minha Cloris querida !
A meu poder não he dado
Dar-te a beleza perdida.

Más repara no tyranno ,
Vé teu insulto vingado :
Que vál que assim te possesse ,
Se não vé, se está vendado ?

D'hoje em diante seus tiros
Hão-de ao acazo ferir ,
E amor cego mais não pode ,
Coiza alguma destinguir.

**O MERECEMENTO
DAS MULHERES,**

POEMA

DE M. GABRIEL LEGOUVÉ,

DO INSTITUTO DE FRANÇA.

TRADUZIDO DO FRANCEZ.

Segunda Edição.

Oui, le ciel fit les femmes
Pour corriger le levain de nos ames,
Pour adoucir nos chagrins, nos humeurs,
Pour nous calmer, pour nous rendre meilleurs.

VOLTAIRE.

PROLOGO.

VINDO á minha mão a obra intitulada : *Dedução philosophica da desigualdade dos sexos, e seus direitos politicos por natureza*, deparei, logo no Prologo, com as seguintes palavras :
« Porem tornando-se hoje o seu objecto mais
« interessante pela indicação movida em Côrtes
« na sessão de 22 de abril d'este anno (1822),
« para que se concedesse ás mulheres (se não
« todas, algumas), o direito de votar nas elei-
« ções para os cargos nacionaes, animo-me a
« publica-lo, menos para justificar a decisão do
« Soberano Congresso, que o não precisa, do
« que para chamar ao conhecimento da razão,
« os exaltados amadores do bello sexo, a quem
« isso magõe. » Quiz apanhar a luva, porem
minhas occupaões, e mais ainda o meu estado
moral, me não permittindo entrar naquelle de-
safio, busquei ao menos repetir ao bello sexo a
homenagem da minha devoção, e respeito, dan-
do ao pr'elo, depois das correccões que julguei
convenientes, a segunda edição d'este Poema, o

qual foi pela primeira vez impresso no Rio de Janeiro em 1813, onde o traduzi a pedido de algumas senhoras, que se havião agasto com a tradução de Pope pelo marquez d'Aguiar.

Sinto que falta de talentos me não permitta tributar segundo meus dezejos, homenagem digna, á obra prima do Creador, a qual devo Maen, e espoza, e que tão mesquinha prova de gratidão possa apenas dar ás senhoras que se dignarão mimosear-me com extremos de bondade, como em outras prosas, e versos, recebi nas duas cartas que traslado.

Senhor,

« Ainda que a vossa Indicação fosse regeitada, não priva o sexo que defendestes de ver em vós o seu protector. Ah! senhor, a nossa gratidão não tem limites, e em troco dos talentos que nos negão, temos corações sensiveis que vos sabem apreciar. De hoje em diante será o nosso primeiro cuidado rogar por vós á Divindade, para que ella espalhe sobre vós os seus

benefícios , e multiplique os vossos dias. São estes os dezejões d'aquellas que vos admirão e respeito. »

M.

Lisboa, 23 de abril 1822.

Senhor ,

« Permitta que exprima os meus sentimentos copiando as expressões de que se serve minha Maen ⁽¹⁾ na carta que me escrevéo , e n'este momento recebo : « Li com enthusiasmo a Indicação
« do senhor B. de B. e nem huma só phrase
« deixou de fazer a mais profunda impressão no
« meu animo, e de inspirar o mais vivo dezejo
« de conhecer um legislador tão virtuoso, e tão
« benmerito. A gratidão de todas as mulheres
« juntas , pode igualar apenas a que devem tributar-lhe , particularmente os corações maternos. »

(132)

Ás suas expressões ajunto só votos ao céo pela prosperidade do generoso defensor do sexo injustamente desapreciado, etc.

H... D...

Lisboa, 1º de maio 1822.

(1) A Ex^a. Condessa de Oye... á sua Filha D. H...

DEDICATORIA

Á MINHA ESPOZA.

ACEITA os versos meus, tu que os dictaste,
Tu, que dos quadros meus, foste o modelo :
Nelles não te verás qual es, qual brilhas ;
E quem pode pintar dos céos o esmero ?
Huns olhos que volvendo agitação a alma,
Labios que rindo alegria espalhão ;
Corpo de graças mi! compendio lindo !...
Mas que val a Beleza? Flor caduca
Hum dia a murcha, hum dia as flores murcha.
As prendas, qual belleza, aos annos cedem,
Das molestias ao influxo estão sugeitas :
Só tu de quem sua alma he sanctuario
Virtude, emanção da Divindade,
Aos annos sobranceira, vás com elles,
Da eternidade repousar nas fontes.

Ó vós de meu modelo companheiras!
Dais á mesma virtude, sexo ameno,
Não sei que de suave, que a virtude
Em vós, he mais que em nós, dos céos o enlevo.
Nella tendes o adorno o mais distincto,
Nunca, nunca o deixeis.... vêde que expira
Nas ruinas do pejo, a gloria vossa.
Esposa virtuosa, alma sensível,
Que de fazer o bem, o bem só queres,
Tu em quem juntos encontrei os dotes,
Que nas outras dispersos divisava,
Mãe carinhosa, delicada amiga,
Companheira fiel na dôr, no gosto,
Que deixaste por mim patria, e parentes,
Tu por quem de ser pai a honra eu gozo:
Longe dos patrios, suspirados Lares,
Se devo tudo a ti, que posso darte?
Dei-te o meu coração, ahí tens meus versos.

O MERECIMENTO

DAS MULHERES, ⁽¹⁾

POEMA.

O mordaz Juvenal tomado d'ira ,
Boileau menos raivozo , e tão severo , ⁽²⁾
Contra o mimozo , delicado sexo ,
Da satira o veneno despejarão.
Bem que entre elles , e eu muito medeie ,
Vou deffender-vos sexo que respeito ;
Opponho á seus ataques , vosso imperio ,
Canto da humanidade a melhor parte. ⁽³⁾

Quando do cahos em que os Mundos erão ,
Deus os astros chamou , a terra , e os mares ,
Os campos estendeo , alçou montanhas ,
Os bosques sombreou com verde manto ,
E espectador da nova scena , o homem ,
Por milagre maior , mandou surgisse :

Foi a belleza sua obra extrema, ⁽⁴⁾
 Foi o remate do poder divino ;
 E o supremo poder que mais podia ?
 Celeste aspecto que a innocencia exalça ,
 Bocca, olhos , que tudo despotizão ,
 Ella sorrindo , pranteando elles :
 Esses cabellos , que em anneis ondeão ,
 Seio , que a forma attrahe , e o peito agita ,
 E a tez na transparencia , um vivo sangue ,
 O alabastro d'azul , matiza , em fios ,
 Convida mais que á amor , á idolatria .
 Vendo o emblema dos Numes na belleza ,
 Hum povo ja lhe deu por patria o impireo ; ⁽⁵⁾
 A vontade dos céos dictava aos Celtas ,
 No som da sua voz , branda , ou terrivel ;
 Mais que humano poder lhe attribuião ;
 Tudo quanto tocava era sagrado .
 De amavel fanatismo deslumbrados ,
 Dizião : « Ella he Deus , pois que a adoramos . »
 Inda esse culto existe , ainda julgão
 Rir-se , enlutar-se o céo , quando os seus olhos .

Qual o vaso conter não pode o cheiro
 Do aroma fugaz , tal no serralho
 Escrava soberanna , o seu tiranno ,
 As cadeas d'amor sofrer obriga .

Entre nós onde livres tudo estrellão ,
No bosque , nos jardins , ou já nas sallas ,
Bastão mostrar-se , nem falar precisão ,
Pois logo ao coração , mandão os olhos ,
Involuntaria comoção gostoza.
E agradão d'hum só modo ? Alma do mundo
A mudos , exteriores dotes , juntão ,
Das prendas os encantos que não morrem .

Se d'harpa docil ao sonoro acento ,
Casa Cloris a voz suave , e clara ,
Passeia a vista do instrumento á Cloris ,
Duplo deleite , saboréa a mente :
Pára a harmonia , e o mestre o lugar toma ,
Se mais sciencia tem , ha tantas graças ?
Mais atrevidos sons tira , mas vê-se
Por amor torneado hum braço airoso ,
Que em torno d'Harpa molemente a abraça ?
Vê-se o rubor , o amavel embarço ,
Que da Virginea face eleva as graças ?
Qual o ouvido se duz , agrada aos olhos ?
Segue a dança ao concerto , novo encanto ;
Lucinda , e Laura no verdor dos annos ,
De lindas louçanias enfeitadas ,
Na elegancia do corpo esbelto , e leve ,
Semelhão lirios , que fayonio agita .

E sente o pár nos passos cadenciados,
Que sem Cyprina não agrada Momus.

Sem Venus o theatro que valera ?
Certo dos versos a magia pode
Comover por Zaira, suspirando
Seu amor, seus combates, seus tormentos,
Mas na scena tomando hum poder novo,
Gaussin ⁽⁶⁾ dos olhos conquistou mais pranto.
Só á mulher foi dado, ó bellas artes!
Empregar teu segredo, a arte escondendo.
Se Valayer na têa espalha flores, ⁽⁷⁾
Colhe-las cuida a mão que a vista illude.
Cuida-se que respirão os retratos
De Lebrun immortal; a mão das Graças ⁽⁸⁾
Em seus toques ressumbra; inexprimivel,
Em tudo as Graças, novo gosto imprimem.
Lê Tencin, Lafayette, Ricoboni, ⁽⁹⁾
Amor o esboço fez das obras suas,
Em Cecilia, Senange, e Theodoro, ⁽¹⁰⁾
Retratado tão bem amor se encontra.
Ás mulheres prohibir quiz hum poeta ⁽¹¹⁾
Extravios temendo, a arte d'Apollo:
Convenho que em viril, feroz delirio,
Não fação ressoar Mavorcia tuba,
Mas por mimosos dedos dirigida ⁽¹²⁾

A avena pastoril , melhor suspira.
Priva-las da poesia!... Quem d'amores
Falla melhor, talvez que melhor ame :
Exercelas deixemos sem receio,
Arte que a bem d'amor tornar-se pode.
Censor do sexo, á tua austeridade
São futeis esses dons, ah! se mover-te
Suas prendas não podem, seus serviços
Saberão desamar-te : quem os nega?
Por nós com a existencia principião
Da mulher os extremos, sim he ella
Que no seu seio nove mezes guarda,
O fructo de hymeneo, tão triste ás vezes ;
E no leito da dôr, da sua á custo,
Vida lhe dá ; he ella que votada
Ao novo Ente , lhe consagra attentos
Cuidados, que no berço exige a infancia.
Oh! que ternos disvellos ! Se adormece
Afasta o insecto que voando o inquieta :
Vedar parece ao despertar que chegue ;
Nem do filho arreda-la pode a noute:
Das sombras ao silencio applica o ouvido,
E se Morfêo lhe illude a vigilancia,
Abrindo os olhos, ao menor sussurro,
Ao berço do filhinho inquieta corre.
Se dorme, attenta se recrea em vé-lo,

Tranquilla apenas, a seu leito volta.
Se acorda, logo os peitos lhe offerece,
E saude lhe dá no leite puro.
Para o materno amor não ha fadiga,
Vive mais do que em si no filho caro. (13)
E se aos olhos do esposo se appresenta,
Mais bella he quando o filho a o collo pende.
Conjugal fructo, maternal thesouro,
Perfeição es sem pár na estima sua.

Vêde a joven Izaura tão festiva,
Como quando do mal que ultraja o rosto,
Tocado sente o filho, seu retrato,
Do contagio atterrados fogem todos:
Ella sem medo aspira o ár infecto;
Não se afasta do filho moribundo.
Espalha-se a peçonha, ataca os olhos,
O mal cumpre arredar, cumpre que hajão
Labios fieis que sorvãõ o veneno,
A tudo a mãi se atreve, não balança,
Esquecendo a belleza, a vida, o esposo,
Com destimida boca os olhos preme, (14)
Que nevoa impura a claridade véda;
E pouco a pouco as palpebras soltando,
Pela segunda vez dá luz ao filho.
Que pai excessos faz tão generosos?

Tem outras precizões, outras bondades.
Cresce em idade o filho, e qual os d'Agua,
Que de medir o céo cedendo ao impulso,
As debeis azas junto ao ninho exercem,
Das forças infantis o ensaio inceta.
Docemente o sustem co' a mão tremendo,
Mede os tenrinhos passos mal seguros,
Segue o vagar do timido passeio,
Sua ama foi outr'ora, hoje he seu guia.
Entra a balbuciar, ella he seu mestre,
E o nome que mil vezes lhe repete
« Mãi » o nome he primeiro que articula.
Seu mestre he inda quando a lêr começa,
Com elle a soletrar finge que apprende,
Para ensinar melhor lhe finge a idade.
Vem-lhe os mestres moldar a tenra mente,
E os descuidos da infancia austeros punem;
A quem as magoas vão contar queixosos,
E affavel os castigos lhe apadrinha?
Sua Mãi, ella he sempre que o deffende,
Pequenas dores, grande mal da infancia
Affaga, e em seu pesar tomando parte,
Com meiguices, c'um brinco, a dôr disfarça.
Anda na infancia o riso junto ao pranto.

Foges quadra inocente, idade amena,

Vem o tempo, em que o somno dos sentidos
Passando, o homem para amar desperta.
Já tímido rubor lhe tiuge as faces,
Já viva chama nos seus olhos brilha,
Já bate o coração, geme, e os suspiros
Lutão no peito, que ancioso arqueja;
Precipitado sangue arde nas veias,
Agitado desperta, inquieto dorme,
Avido, afanoso entra no mundo,
Leva ao accazo tumultuosos votos,
Segue hum prazer que sente, e não conhece,
E em ti mulher, he só onde elle o encontra.
Tu pagas em segredo seus suspiros,
E a seus vagos desejos te abandonas.
Favor primeiro, da primeira amada!...
Quando nos labios de engraçada bocca,
Bebe dos bejos o ignorado nectar,
De favor, em favor quando subindo,
Toca, da amada em extasis nos braços,
Da voluptuosidade pura, o auge,
N'outro universo julga-se elevado,
Onde a terra se eclipsa, e os céos se abrem.
Não se conhece mais, suspira, anhela;
Absorto na magia que o circunda,
Da mente ao coração o enleio passa;
Nada n'hum ár que todo he delicioso.

Sua amada !... Ah ! seus olhos a davorão !
Ella he seu Numen a quem rende culto.
Hontem ardia o peito , hoje arde o peito ;
Sente que existe , e não se nelle , ou nella.
Se a huma festa vão , não perde a vista
Um movimento só do bem que o enleva.
Na solidão do campo a amor propicia,
Se o nascer vai saudar de hum claro dia,
Em cada objecto a vê ; de Flora o esmalte,
Lembra-lhe as faces , que o pudor colora :
Do firmamento o azul que o dia acclara,
D'huns olhos celestiaes o azul semelhão.
A luz macia que a manhaã derrama,
Dá do seu terno olhar vivas lembranças. (15)
« O murmurio do perguicoso arroio ,
« O sussurro do bosque suspirozo ,
« De Zephiro sereno o subtil sopro ,
« Filoméla saudoza gorgeando , »
O som da sua voz despertão n'alma.
Tudo lhe falla da paixão que sente.
Não mais langores já , não mais tristezas ,
De mimos doura Amor a noute , e o dia ,
E enlevado no objecto que o enfeitiça ,
Em continuo prazer a vida espraia.
Taes melindres só sente o namorado ,
Mas nem sempre o que val conhece o homem.

Cede á inconstancia , e qual a abelha busca ,
 Dos jardins nos cheirosos ramalhetes ,
 Veloz voando , ás mais viçoças flores ;
 Sorve ligeiramente a cór , e os succos ,
 Corre de bella em bella , e errantes fogos
 Aqui , e alli lhe dão graças diversas.
 Mas esse movel bem , ventura incerta ,
 Move o sentido só , toca a vaidade ,
 Cansa alfim , e o vazio reconhece.
 Pede então a Hymenéo bem , que mais dure ,
 E consorte escolhendo acha a ventura.
 Vé de flores o templo engrinaldado ,
 O dia , que do amigo faz nas faces
 Borbulhar a alegria , e essa donzella
 Que ante os altares vem docil , submissa ,
 A elle unir-se em laço indissoluvel :
 Bella em candura , em graça , em juventude ,
 Dar-lhe d'amor a publica promessa ;
 E a Religião que nos céos grava ,
 Com poder santo , o grato juramento ,
 E a veneranda mão d'hum pai amante ,
 Que entrega a filha com seu nome ornada.
 E essa noute feliz , quando ardor casto ,
 Assaltando o pudor da ingenua esposa ,
 No modesto silencio , ouve o primeiro
 Grito d'amor , surpresa a innocencia.

Tudo a mente, e os sentidos reanima,
De dia em dia entregue a chama nova.
Se os fogos, que o verdor da idade atêa,
Ella sentir não faz, no peito infunde
Duradoura affeição, dita perfeita.
A fida confiança, paz, ternura,
Bens verdadeiros da innocencia, firma.
Os prazeres augmenta, a dór tempera,
O trabalho minora, cuche o descanso,
E o mais pesado emprego lhe suaviza.
Repousa o artista ao lado da consorte.
Nos braços da consorte a si fugindo,
Busca o ministro do commando alivio,
Esquecer vai do tedio, da suspeita,
O fastio que róe a alma dos grandes;
O orgulho amor destrahie, da esposa ao lado
Do pezo d'honras livre, em paz descansa,
Vivendo só com quem se consolara?
E quando pai se vé!... Feliz esposo!
Que joia sem igual! com que transporte,
Sente-se acarinhar d'outro si mesmo!
O penhor precioso ao peito estreita,
Das infantis feições as suas busca,
O filho á Mãi compara, e mais lhe agrada
e o retrato da Mãi divisa nelle.
Nos braços quando o larga, attento estuda

Dos modos seus o amavel embarço ,
E transportado vé na inquieta casa ,
Brincar , correr , crescer a imagem sua.
Como na inclinação , que mostra lhano ,
Divisa o que será !... E se persuade ,
Da fraqueza da idade destrahido ,
Ver nelle a honra dos seus velhos dias ?
E se Hymenéo irmãa deo a teu filho ,
Dobra n'alma paterna o jus querido .
A filha junto á Mãi vé satisfeito
Buscar do irmão diversos passa-tempos :
Crescer , por seus cuidados , cada dia ,
No espirito , costumes , nos talentos ;
E no ár pudico de virtuoso sexo ,
Prometter graças , femenil modestia .
Tão dourado destino á esposa debes .

Qual o de amor existe hum terno laço ,
Pura amizade es tu , que sem ciumes ,
Quanto mais prendes , tanto mais deleitas ;
Se vens d'huma mulher inda es mais doce ,
Então he que es d'amor a irmã querida :
Tens então esses mimos , ár fagueiro ,
Delicada attenção , finos cuidados ,
Que os homens entre si não sabem dar-se .
Tem-se menos que amante , e mais que amigo .

Gostamos nos projectos que formamos,
 Que a mulher seja o nosso confidente;
 Em practica feliz, comnosco peza
 O que ha de certo, e de precario nelles.
 Se nos punge o pesar, o mal dezeja
 Da mulher o interesse; ella he que sabe
 O tom que as dores calma, e os seus olhos
 Sabem chorando serenar o pranto;
 E ó puro coração lhe dicta os termos
 Que n'alma do infeliz o alivio espargem.
 D'amizade cantor, bom Lafontaine!
 De Sablière ao lado, assim viveste; (16)
 Sem praticar de amor, ella te ouvia
 O coração, as fabulas, as magoas;
 Buscava o teu pensar no fundo d'alma,
 Sabia de teus gostos perguicosos,
 Desviar os cuidados: e te dava
 Sorte tão simples, quaes as tuas obras.
 Taes beneficios faz o sexo amavel.

Qual nos guia ao prazer, convida á gloria;
 A gloria he obra d'um sorriso ás vezes.
 Quem ha que d'huma bella enamorado,
 Se pago fôr d'hum ár que os olhos sabem,
 Louros não busque se hum talento goza?
 Apenas falla amor, desperta o genio.

Lé noute e dia os mestres em poesia,
Sem hobrear com elles não respira ;
E das Musas no grave estadio , offerece
Seu trabalho aos juizes, todo he fogo !
De sentimento, que diverso embate !...
A côr da fantasia aos versos passa.
E mormente na scena, onde a accção pinta
Os ardores do amante , a dôr, d'amada,
Do estro em cada verso imprime o cunho,
Que dár não pode quem amor não sente :
Da doce inquietação sugeita o encanto,
O coração applaude, a voz, as lagrimas :
Goza, triunfa, e arrebatado exclama,
Ó mulheres, a vós devo os meus louros !...
Em hum ocio vulgar este mancebo
Jazia, e agora quem a guerra o chama ?
He que aos olhos do objecto que o enobrece,
Por Marte honrado, subirá de preço :
Á mulher o valor agradou sempre.
Vós o provais ó tempos do heroysmo. (17)
Quando, na quadra reino de Belleza,
D'hum cavalleiro a amada o signal dava
Para os combates, excitando o brio,
Altiva lhe offerecia o arnez, a espada,
E os adornos marciaes, em que arte dextra
Tinha enlaçado cifras amorosas ;

Ora d'amante intrepida aceitava
Por banda hum véo , per egide hum retrato ;
Vaidoso pela mão que assim o armava ,
Corria aos p'rigos , anhelando a gloria :
Qual se armas encantadas revestisse ,
Estandartes tomava , hostes vencia.
Voltando ovante , qual o premio era ?
D'acordo com a honra , a dama em pompa ,
Seo amante o acclamava , e a frente sua ,
Dado lhe era então , cingir a coroa.
A coragem , e o amor assim brindados ,
No terno e altivo peito sublimavão.
Porque hoje uso tão nobre que inflamara ,
De nossos pais o animo , não vemos
Nosso vôo impelindo , ornar o berço
Da nascente republica ? invenciveis
Sem tal magico estímulo ja fomos ,
E menos hemos ser se amaveis formos ?
Dignos do nome nosso vêr quizera ,
Nossos guerreiros , da victoria em graça ,
De gentis damas por virgineas dextras ,
As palmas receber ; assim os Gregos ,
Tão grandes em destinos , coravão ,
Pelas mais lindas mãos , de Marte os filhos ,
E os favores da gloria assim brincados ,
De mais renome os fastos lhe adornavão.

Esses briosos tempos imitemos ,
 Seja sempre de Marte, a amante Venus ;
 E em concordia a belleza, e a valentia ,
 De força, e graças a mistura offreção.
 Quem melhor que a belleza o brio eleva ?
 De Mavorte tambem sente o ardimento.
 Outr'ora , qual heroe, vio-se huma dama
 Em Palmyra, afrontar de Roma o impeto ⁽¹⁸⁾
 E outra às suas Leys domando o Eufrates,
 Conquistar , imperar : que digo ? As palmas
 São privativas ás Rainhas ? Outras
 Não soberanas , já no campo ousarão,
 Generaes, ou soldados , d'aço e ferro ,
 Opprimirem os membros delicados ,
 D'Elmo rude insultar o rosto angelico ,
 A lanza subpezar com as mãos mimosas,
 E os perigos buscando, oppór aos golpes,
 Mimos , devidos a mais brandas lutas ;
 ganhando o nobre esforço gloria dupla,
 O braço, e as olhos davão-lhe a victoria.
 Tuas façanhas, Telesila attesto, ⁽¹⁹⁾
 Attesto o teu valor, da França arbitrio,
 Ó Joanna d'Arco ! d'Orleans os muros, ⁽²⁰⁾
 Tremião ; vòas da choupana ás armas :
 Torna o brio ao soldado, e crê do impireo
 Vir ás suas fileiras o Anjo amigo ,

Pelejas, e do Inglez o orgulho abates,
Salvas a França de estrangeiro jugo,
E liberta Orleans, a Reims absorta,
Dás o Rey, que sem throno já fugia.
Sexo feliz, he teu sempre o triumpho,
Mas não te quadra o ferro, tens nas lagrimas
Mais certas armas, e poder mais digno.
Esp'rança dos Judeus que Aman bania,
D'Assueros aos pés, de pranto ornada,
Esther a graça pede, e a graça alcança.
O altivo Coriolano unido aos Volscos,
Roma, que o degradou, vem pôr em cinzas:
Pontifices, vestaes, tribunos, velhos,
Tudo a seus pés se prostra, os Deoses mesmos
Parecem supplicar, ante elle curvos.
Porem nadando em raiva, a nada attende,
Hia ferir.... a Mãe se lhe appresenta! ⁽²¹⁾
Roma em vão de seu filho a separava,
Sacrificando a injuria ao bem da patria,
Implora ao vencedor, que cede á prece;
Roma salvarão de Vitruvia as lagrimas.
Quantos heroes a lagrimas cederão!
Eduardo em Calais, tenta debalde,
Seis victimas expor do Algós ao alfange;
Defende as nobres victimas a esposa, ⁽²²⁾
Do principe terrivel quebra a furia,

Dá gloria ao vencedor, vida aos vencidos.
 He para o rey fortuna, e he para o povo,
 Que sensível mulher o throno occupe.
 He refugio do opresso, generosa
 Foge ao fausto da corte, e da choupana,
 Das prizões na importuna sombra, o grito
 Recolhe do infortunio, e ao throno leva.
 Dos tristes sons o coração doído,
 Alcanção do poder que torna affavel,
 Perdão o criminoso, abrigo o pobre,
 E o beneficio ao rey, amor grangea :
 He grande o rey se o povo he venturoso.
 Então quanto a virtude resplandece!
 E he só quando Raynha? não, sua alma,
 Seja qual fór o estado, he sempre boa.
 Abri-vos, eia, estancias da miseria,
 Mesquinho asilo do doente pobre,
 Mutilado guerreiro! A mulher veirão
 Tomando ali de irmã o nome caro, ⁽²³⁾
 Do zelo affectuoso, da piedade
 O balsemo entornar : outras no claustro,
 A bem da terra em prece, o ceo fatigão,
 E dos altares o infeliz buscando,
 Para bem dos mortaes, á Deus se immolão.
 Coragem terna! As meigas bemfeitoras,
 Vencem o tedio do lugar infecto,

Para as dores o alivio adivinhando.
Nada lhes peza se o infeliz consolão.
De salutarío linho as chagas cobrem,
Compoem d'angustia o leito companheiro,
Miseró leito, que piedade escassa,
Á dôr apenas dá meio agazalho.
Da humanidade imagem, esses tristes
A quem vós soccorreis, sentem com jubilo,
E com amor talvez, mulher, que o amigo,
Sejaes, a cujos bens os dias devão.

Mulheres, seu razão vos chamão timidas,
Á voz do coração sois sempre intrepidas.
Porque em Thebas outr'ora vis algozes,
Antigone votando ao horror da fome, (24)
Viva sumirão em caverna hidionda?
Porque aos fraternos insultados restos,
Pelo odio aos abutres promettidos,
Com piedosa mão deo sepultura.
Vio na lei o supplicio, e Polinice
Pedindo a tumba vio; mais não balança
Em sepultaro irmão, e a si com elle.
Eponine o que faz levada a morte? (25)
No antro em que Sabino occulta a fuga,
Seu vencedor dez annos illudindo,
Nos perigos do esposo vai ter parte.

Ó de Hymenéo exemplo memoravel!
 A cova torna em templo de ventura,
 Ao medonho do sitio, oppoem carinhos,
 Disfarça o luto de sombrios echos,
 Da ternura c'os sons, os seus cobrindo;
 E na gruta onde a noute ambos se unem,
 Thalamo finge d'Hymenéo ditozo.
 Branca fez mais; Bassano sitiado,
 Morto o esposo, a seu tumulo off'recia,
 O diario tributo da saudade.
 Ao ferro vencedor Bassano cede;
 Por entre o sangue que a vingança entorna,
 De Branca no palacio entra Aciolino.
 Elle a vé, elle a adora, os pés lhe abraça,
 E amoroso triunfo exigir tenta.
 Ella resiste, e elle ameaça, e freme.
 Ao respeito d'amor, succede a audacia;
 Quasi a ceder a rispídos transportes,
 « Não insultes aos mortos! Branca exclama,
 « Aqui repousa o esposo, ai! Por quem chore
 « Dá que abraça-lo eu vá, sem testemunhas,
 « Da-me hum' hora, e depois de mim decide
 Enternecido o vencedor concede.
 A loisa sepulchral, erguer mandando,
 Esperançoso sahe; e afouta Branca
 Sobre o gelado corpo o seu lançando,

O extremo seio aperta, e a pedra
Que as sagradas religiosas acobria,
Com mão afouta sobre si tirando,
Cae, e quebrada, a vida lhe desata.
Salva-lhe a honra do consorte a tumba. (26)
Tudo pode o dever nas almas puras.

Por que tão longe vou buscar modelos!
Banhado em sangue, o septro dos decemviros,
Quando a França opprimia, ellas mostrarão
Magnanimos sublimes sentimentos.
O dó surdo, a amizade foragida,
Calado o coração, reinava o espanto:
O Francez do Francez era inimigo,
Nem hum defender sabe, e morrer todos;
Só com zelo sagaz, terno, as mulheres, (27)
Para a morte affastar que irada esvoaça,
Ousão dos tigres affrontar a sanha.
Tal se arranca ao repouso quando a Aurora,
Espera o monstro, e denodada o encara.
Outra do carcereiro ao pranto immovel,
O avarento furor com ouro doma.
Outras do pai, do esposo na masmorra,
Vão com os affagos olvidar as magoas.
Esta do amante que ao patibulo arrastão,
Quer ter parte na sorte, e alegre o implora.

Esta a juiz perverso cede , e o esposo
 Com virtuoso adulterio salva , e morre. (28)
 Todas servem de amparo aos desditosos ,
 Rogão , chorão , immolão-se por elles ,
 Constantes sempre , e humanas nos perigos.
 Volvão-se os olhos á septembro , a quadra ,
 Que ao vasto assassinato abriu caminho :
 Das leis , e do Senado na dormencia ,
 Monstros que Bacco , e as furias irritarão ,
 Horrores nas prizões urlando espalhão.
 Sexos , ordens , seus golpes não distinguem ,
 C'os mortos , moribundos amontoão.
 Tudo treme!... Só tu , só tu , Sombreuil (29)
 Na flor dos annos , co' a carnage affrontas ;
 «Parai!.. Vêde!.. He meo pai!.. Barbaros, grita!
 Cahe a seus pés ; e as mãos , as mãos sanguentas
 Lhes beija : he pouco , redobrando alentos ,
 Ora sustenta hum braço que ameaça ,
 Ora ao ferro homecida o corpo expondo ,
 Do pai o corpo com o seu deffende :
 Disputa aos golpes o adorado velho ,
 Arranca-o , perde-o , e a arranca-lo torna ,
 E seu pranto , seus gritos , seus esforços ,
 Os assassinos hum momento abalão.
 Nota-lhe a compaixão , apanha o ensejo ,
 Das garras do verdugo o pai arranca ,

ovante leva em generosos braços ,
Por sanguentada estancia o pezo caro.
o! triunfo! Antigone moderna!
Seja qual fôr do throno, e pøvo a luta,
Teu santo esforço irá de idade, a idade;
Para admirar-te os corações se unem,
E as oppostas facções teu zelo applaudem:
Es dos filhos o exemplo, e dos pais gloria.
Em vão salvaste o pai?... Dos maos o evades,
E dos juizes cahe sobr'elle a espada.
Dessas que deprimis, eis as virtudes.
Se a nossos pés a sorte o abismo rasga,
Du nos tem, ou com nosco nelle cahe.
Es, mulher, do infeliz seguro abrigo,
Es do feliz origem dos prazeres.
Quando o rosto dos annos mostra o ultrage,
A consorte a velhice inda embelleza,
No fim da vida, o homem goza a dita
D'esposa ter, modesta, e carinhosa,
Com que da vida o curso finalise.
E meiga filha que ensinou a ama-lo,
Mostrando-lhe o caminho, que trilhára.
Deve á cuidosa, terna complacencia,
Os alivios de incommodos frequentes,
Peso de velhos annos companheiro.
E amigas taes deixando, achão seus olhos,

Olhos que affastão o terror da tumba.
Vós do extremo sexo, inimigos,
Aos rasgos que offereci, dizei, que oppondes?
Pintaes a avara, a jugadora, a altiva, (30)
A caprichosa, a fatua, a desdenhosa,
A Megéra em ciume incendiada,
Do consorte flagelo, algoz do amante!
Mas taes deffeitos cumpre-nos correr-lhes,
E somos Anjos nós que a deprimimos?
Nós temos suas faltas, seus deffeitos,
E para oppor-lhes, temos os seus dotes?
« Na educação a drede apoquentadas, (31)
« De algumas attencões em pago, oh! quantos
« Damnos lhe causão nossas leis injustas!
« Por caprichos dos pais quantas languecem,
« Nascidas para amor, n'hum claustro austero
« Onde amor soffocando, são seus dias
« D'agro dever mui longo sacrificio?
« E quantas de Hymenéo em ferreos laços,
« Pelos vicios do esposo padecendo,
« De fome e de nudez caros filhinhos,
« Tanto mal deslembrando, ainda o amão;
« E a extremosa virtude, inda excogita
« Uma razão, com que deffenda o ingrato! »
Quantas!... mas sem me ouvir, com ár severo,
D'Eriphile o adulterio me apresentas, (32)

De Medéa o furor que espanta Cholcos, ⁽³³⁾
Crimes que em Lemnos maculara o sexo, ⁽³⁴⁾
De Messalina Saturnaes horriveis.
E d'antigos annaes, passando aos nossos,
Medicis fera appresentaes medonha, ⁽³⁵⁾
Á carnagem Franceza o filho instando!
Quem não detesta sanguinarios entes?
Mas alguém julga os reis pelos Tiberios?
Do justo aos olhos, a mulher perversa,
Deve tornar odioso o sexo inteiro?
Scentilão sobre nós milhões de estrellas?
São de procela algumas precursoras,
E bem que o aspecto seu desgraça indique,
Suas irmãs por isso brilhão menos,
Quando da noute abrindo o véo sombrio,
Atristeza das trevas a fugentão?
Ornã flores os prados, e s'entre ellas
Algumas atraicões veneno prestão,
Admirão-se menos as que lembrão
N'haste pendentas, da innocencia as côres?
Que a vista alegrão, e o olfato amimão
No halito cheiroso que derramão?...

Sois ó mulheres, a pesar da inveja,
As flores que da vida o campo adornão;
Tu que murchalas tentas, deixa o erro,

Ah ! sabe-as respeitar , quanto quere-las ,
E se do sangue a voz não he chimera ,
Curva ante o sexo , ao qual tua Mãi debes.

« Sexo mimoso de meiguice enleio, ⁽³⁶⁾
« Perdóa a minha audacia ,ousei cantar-te ,
« Só voz divina poderia tanto.
« Se cantar-te não sei como te quero ,
« Se falta o estro , o coração sobeja ,
« Á bem do coração disfarça o canto. »

NOTAS.

(1) Este Poema impresso pela primeira vés no Rio de Janeiro, sahio com erros que nesta segunda edição buscou-se corregir.

(2) Accrescentemos mais Pope, e Milton ao numero dos injustos, ou contradictorios. Não se comprehende como o pintor delicado d'Eva satirizasse as mulheres, e nem como quem sustentou, que tudo he bom, achasse má a melhor obra do Creador. Se no reinado de Caligula se podesse encontrar a virtude em Roma, razão teria Juvenal : Boileau porem que desculpa terá escrevendo no seculo de Luis XIV ? Então subio tanto de ponto a amabilidade das mulheres, quanto o talento dos homens : he que para hum poeta parece mais picante sustentar hum paradoxo, do que dizer a verdade. Os que lerem esses authores, leião tão bem : Diderot, Thomas, Grétry, Bernardin-de-Saint-Pierre, Ségur le

jeune, Greg. Porcio, Crist. Bronzini, Lod. Dominichi, Ortensio Landi, Vinci Maggi, Gir. Ruscelli, C. Agripe.

(3) Vej. M. M. Campenon, Auguste Creuzi, e du Saussoir.

(4) Vej. Paraizo perdido de Milton, — Creação d'Eva.

(5) Os povos em suas diferentes religiões tem conhecido á necessidade da intervenção das mulheres: basta que lancemos os olhos sobre a Mytheologia dos Gregos, e dos Romanos, para vér-mos a veneração em que erão tidas; ellas predizião o futuro, e sem que da tripode sagrada sahisses os decretos, nada de importante se arriscava: acharemos as festas de Venus, os misterios da Boa Deosa. Sempre os seus Deoses guiados, ou seduzidos por huma mulher, — Jupiter por Leda, Apolo por Daphne. — As virtudes das mulheres merecião monumentos publicos, como o silencio de Leona, a Eloquencia de Mirthe; e antes delles entre os Egypcios, Isis bemfeitora, etc. Essa mesma veneração fez com que os talentos, as virtudes, as qualidades moraes, as sciencias, as artes, em

fim, tudo quanto mais honra a humanidade, fosse representado por nomes, e traços femininos. Venus he a belleza, Minerva a sabedoria, Themis a justiça, Pallas o valor: a bondade, a temperança, as graças, etc. Tacito diz que entre os Gallos a mulher tinha alguma couza de divino.

No Mahometanismo as hueris são a recompensa das eleitos. (Verset 3o do sura 33 do Alcorão.)

A seita dos Talmudistas pretende que a mulher he ametade do homem, que continuamente tende a unir - se: quando se encontram apparece a ventura, e as duas almas se reúnem depois da morte em feliz união que faz a perpetua felicidade; o que lembra o dito de Santa Thereza, que perguntada sobre qual seria o tormento dos condenados, respondeo: Não amarão nunca. Emfim os Christãos dão culto a mulher admiravel, que unica no segredo da Divindade, deo ao mundo o libertador das nações.

Todavia houve tão bem quem dicesse que a alma da mulher era differente da do homem: Mulieres homines non esse, — he o titulo da Dessertação, — e a Inquisição condenou hum livro hispanhol, no qual se sustentava que as

mulheres não tem alma; mas só na Italia achou fi-
sectarios. Vej. l'Observateur de la Femme, T
que bem contrasta com Egeria dictando as Se
leis a Numa, Aristocléa iniciando a Pytago-
ras na sciencia, dos costumes, Aspacia a Peri-ri
clés na politica, e a Socrates na philosophia. C
Leoncia traçando a Epicuro oCodigo dos pra-na
zeres: Debutade dando os primeiros rudimentos de
de pintura: Sapho ensinando a cantar amor em
versos inimitaveis: Agatis inspirando a Cleo-p
menes o restabelecimento das leis de Lycurgo.
Quanto com o respeito que lhe tinham os Roma-
nos que a vista de huma Vestal salvava ao crimido
nozo, como para lhe pagar o havelas a lei pri-di
vado de darem por outro modo a vida aos
homens. Com a attenção que Lycurgo em suas
leis deo a influencia que ellas tem sobre os ho-
homens, sendo até nos jogos publicos ellas que
em seus cantos reprehendessem os vicios, e lou-
vassem as virtudes; ao que attendião tanto, que
era a idea com que na batalha de Salesia o rei
Cleomenes animava a seu irmão. Em fim, como
com a influencia que tem tido no mundo. O rou-
bo das Sabinas, foi cauza de huma guerra. A
morte de huma mulher, a mancha do triumpho
dos Horacios. Huma mulher cauzou a morte do

Filho de Bruto. Lucrecia fez cahir o throno dos Tarquinos, e motivou o triunfo da liberdade. Sem Izabel de Castella, Colombo não descobrira o Novo-Mundo. Sem Catherina, Pedro não teria o nome de grande. Que influencia não teve Catherina de Midicis? O que por huma mulher não virão os Portugueses? Lembrem-se de Ignez de Castro.

Á aquelles que as accusão de ambiciosas apresentaria Christina de Suecia.

(6) Tal realce deu esta insigne actriz ao papel de Zaira, que M. de Voltaire escrevendo-lhe diz: Zaire he obra tua.

(7) Madame Vallayer Coster foi na idade de 19 annos, recebida membro da Academia Real de Pintura, pelo talento de pintar flores, e a natureza morta. Dous de seus quadros se vão admirar no Museo de Versailles.

(8) Mad. Le Brun não he somente celebre nos retratos, no que rivalisou com Vandick, mas ainda por bem acabados quadros, quaes os da Paz trazendo a abundancia, Venus atando as asas a Amor, e a ternura materna em que se

representou com sua filha nos braços. Foi estudar a Italia como pensionaria.

(9) Estas tres senhoras são authoras; a 1^a das Memorias de Cominge; a 2^a de Zaide, e da Princeza de Cleves, a 3^a do Marquez de Cressy, Ernestine, e outros contos agradaveis.

(10) Cecilia he obra de Miss Burney : foi tão bem recebida em Londres, como em Paris. Tres obras de Mad. de Flahaut, depois Mad. de Souza, authora de varios outros escritos. Adèle e Theodoro he de Mad. de Genlis, obra, como quantas escreveo, guiada pela a habilidade e gosto, e cheia de attractivos.

(11) O poeta Le Brun.

(12) Os lindos versos de Mad. Beaufort, Bourdic, Viot, Verdier, Pipelet de Salm. Beauharnay, Dufrenoy, Babois, Guichelin, Du Châtelet. E hoje mesmo muitas podemos nomear como sejam a Condeça d'Oeynhaussen, Francisca, Maldonado, D. Barbora viuva do poeta Alvareuga, da Provincia de Minas.

D. Beatriz Ferrão, Compositora de musica, e de quem se conhecem versos em portuguez, latim

e italiano: filha da mesma provincia. D. Marianna (das Contendas) tambem de Minas.

E em tempos mais retirados mui eruditas foram a Infanta D. Maria, filha d'el rey D. Manoel. Luiza Segea filha de seu mestre. A Condesça da Ericeira D. Joanna. Paula Vicente, filha de Gil Vicente; etc.

D. Izabel de Castro, 2^a Condeça d'Assumar, que não só se distinguio em poesia, como em pintura; e como ella em ambos os ramos a Duqueza d'Abrantes D. Anna de Lorena.

(15) Diz Gretry no seu ensaio sobre a musica, que o coração de huma mãe he a obra prima da natureza; e em seu abono memoro a resposta daquella a quem na perda do filho, hum padre procurava consolar lembrando-lhe o sacrificio d'Abraham. Meo padre, exclamou ella, por certo Deus não o exigiria de huma mãe.

(14) Esta accção he verdadeira; e Mad. de Genlis refere outra muito semelhante.

(15) Estes versos são de mais, e do traductor.

(16) Mad. de la Sablière teve Lafontaine em

sua companhia por espaço de 20 annos, todos sabem o humor desleixando do Phedro francez, e por tanto o trabalho, que sem querer, daria. **Morta** sua amiga, Mad. d'Hervart foi buscar **Lafontaine** para sua companhia, e vendo-o lhe m dice: Venho convidalo para morar em minha caza; e elle respondeo: Para lá hia eu. Este dit faz o elogio de ambos.

(18) Nada mais nobre do que proteger a fra- queza opprimida, guardar a tranquillidade publica, deffender o sexo fraco, e taes erão os ob- jectos a que se dedicavão os cavalleiros: jurando só por Deus, e pela sua dama, mostravão a que ponto a religião, e as mulheres podem elevar o homem: assim as medalhas, e as fitas que substituirão as cifras, e as divisas fossem tão bem dirigidas, que aos cavalleiros se não seguirião os Quixotes.

(19) Zenobia subio ao throno de Palmira em 267, et bateo os Romanos no Egypto, e na Persia.

Simiramis, rainha de Babilonia nos annos de 1229 antes de J. C., foi arbitra dos monarchas d'Asia, tirou e deu sceptros a mais de hum rei.

dos
ez,
ria,
ear
he
ha
ito
ra-
u-
b-
do
que
r o
b-
em
os
em
na
de
cas
ei.

Tomyris, rainha dos Scythas, venceu a Cyrus.
Baodicéa, rainha dos Bretões, combateo os Romanos.

Margarida de Waldemar, rainha de Dinamarca, conquistou dous reynos.

Margarida d'Anjou, rainha de Inglaterra, deu 12 batalhas para pôr no throno a Henrique IV seu esposo. Igualmente Joanna de Montfort, duqueza de Bretanha, para pôr a corôa na cabeça de seu filho.

Henriqueta d'Inglaterra passou 9 vezes o Oceano para combater Cromwel. Muitas mulheres se distinguirão pelas armas nos tempos das cruzadas; Muitas na invazão dos Turcos nas ilhas do Archipelago, e Mediterraneo; Muitas nas guerras d'Aix, Marseille, Perone, etc. Na antiga Lusitania foi celebre a batalha chamada das mulheres. Com Izabel Fernandes, e Izabel Madeira no cerco de Dio muitas outras mulheres, cujos nomes os homens não memorarão, se distinguirão.

A infanta D. Berenguella filha d'el rey D. Sancho, morreo valerosamente na guerra acompanhando seu marido o rey de Dinamarca.

Maria Fernandes, ou segundo outros d'Almeida (Padr^a. de Aljubarrota) he bem conhe-

cida pelo seu de nodo. Conserva com razão a memoria os nomes de D. Felippa de Vilhena, e D. Marianna de Lancastre, que armarão seus filhos na acclamação d'el rey. D. João IV.

D. Izabel, mulher de Jorge Cabral, vice roy da India.

A condeça da Ericeira ja citada he tão -bem celebre pelo valor com que expoza vida por seu marido.

Em a colonia do Sacramento, a mulher de Manoel Galvão, morreo deffendendo o paiz.

Em Hispanha, D. Maria Pacheco, mulher de João de Padilha, depois da morte do marido, vencendo a D. Pedro de Gusmão teve com elle tanta generosidade, quanto valor havia m'os trado.

Maria Pita deffensora da Corunha.

D. Mencia de Nidos, celebre na batalha de Arauco. Em Fernambuco D. Maria de Souza, tendo morrido seus tres filhos mais velhos battendo-se contra os Hollandezes, mandou aos dous que lhe restavão occupar o lugar d'aquelles, unindo-se a Mathias de Albuquerque.

Huma senhora Paulista escrevéo aos deputados de sua provincia ás Côrtes de Lisboa (1822).
« Deixem-se de inuteis debates, venhão tomar

« lugar entre os nossos guerreiros. He no campo
« da honra que se ha-de sellar a independencia
« do Brazil : lá me encontrareis com o arco e
« seta. »

Na expulsão dos Lusitanos, da Bahia, no batalhão n^o 3, huma mulher d'aquella provincia, serviou como soldado, e com tal distincção que subio á Alferes, e obteve a ordem do Cruzeiro.

(19) Telesilla, filha d'Argos, poeta, e guerreira, salvou sua patria sitiada por Cleomene rey de Sparta, no anno de 557 antes de J. C. Erigirão-lhe com razão una estatua.

(20) Joanna d'Arco, camponeza de Domremi em 1429, obrigou aos Inglezès levantar o assedio d'Orleans, e conduzio Carlos VII a Reims para ser sagrado. Os Inglezes a queimarão; e os Frances lhe levantarão huma estatua em Rouen. Em 1472, Hachette salvou Beauvais sitiada pelo duque de Borgonha : appresentou-se na brecha á frente das mulheres d'aquella cidade, arrancou a bandeira, e lançou da muralha abaixo o soldado que a arvorava.

(21) Bem conhecido he este facto na historia.

A Mãe de Cleomenes antes quiz ficar escrava do que consentir que para liberta-la seofilho fizesse alliança, com os Acheos.

(22) Na guerra de Felipe de Valois, e Eduardo III pelo throno da França, Calais sustentou 11 mezes d'assedio, esta constancia irritou ao vencedor que querendo passar os habitantes á fio d'espada, convierão que seis lhe fossem levados descalços, e com cordas ao poscoço. Eduardo os mandou matar, mas a raynha abteve livra-los.

(23) Sœurs de la Charité (Irmãs da Caridade) nome de huma ordem de mulheres que se votão por certo tempo, ou por toda a vida ao celibato, e se dedicão ao serviço dos hospitaes. Não ha voto mais digno, e nem elogio que iguale a constancia com que prehenchem tão penivel, e virtuoso ministerio. Onde não ha mulher, o doente geme, e languece, diz Salomão.

(24) Expirando Polinice ás mãos de Eteocle, pedio a Antigone sua irmãa que o enterrasse. Elle havia pegado em armas contra a patria, e a lei lhe negava a sepultura, todavia a irmãa o

sepultou, a pezar de ser condemnada a morrer de fome em huma caverna.

(25) Eponine acompanhou durante 9 annos a seu marido Sabino, principe Gallo, o qual em hum subterraneo se occultava a Vespasiano seu vencedor; sendo descubertos, forão ambos ao cadafalso. A bella Panthéa esposa d' Abradate, Porsia de Bruto, Paulina de Seneca, Arria de Petus, Camma viuva de Sinate, sacrificarão-se por seus maridos.

As senhoras Bahianas oferecerão as suas joias e aderessos para ao despezas da guerra que expellio os Portuguezes de sua patria, e ao mesmo tempo que se offerecião á sacrificar tudo pela salvação do paiz natal, por esse predicado só natural ao sexo, requererão ao Imperador para que excluísse da expulsão os Portuguezes cazados com Brasileiras.

(26) Este facto he historico : a heroína era mulher de João Baptista de la Porte, governador de Bassano.

(27) Fora infinita a lista se tentasse nomear todas quantas mulheres na revolução francesa fizerão accções raras, e sublimes. Este sexo he sempre a melhor porção entre todos os póvos,

ou formão nação separada : para admira-lo lançamos os olhos sobre os Almanaks das prizoões.

Mad. Lefort, com duas ordens de vestidos e tra na prizão do marido, faz com que elle fuja e fica em seu lugar. Sendo interrogada lhe brada o Juiz. « Disgraçada, que fizeste? — O meu dever (respondeo), faze o teu. »

Mad. P... em Lyon, sendo em hum facto analogo interrogada, confessou o que havia feito, dice:—Estou prompta a morrer quando quizerem. — E dizendo-lhe o Juiz, que o interesse da patria exigia que descobrisse onde estava o marido, tornou-lhe ella.—A patria não ordena que se ultrage a natureza.

Mad. Reynard sendo o marido condemnado pelo infame Robespierre, e esgotados de balde os meios de salvalo, afogou-se no rio Marne.

Mad. Lavalette, não quiz largar o marido que levavão para ser sentenciado, e abraçada com elle, não cedeo senão á força dos barbaros que lho arrancarão.

Mad. Davaux acompanhou da provincia Paris seu velho enfermo esposo; quiz ser prezado com elle, e com elle foi acabar no cadafalso.

Madame Lavergne, esposa do commandante Longwy, deffendeu seu marido no tribunal re-

la revolucionario, e vendo baldados seus esforços gritou : « Viva o Rei ! » a fim de ser condemnada, e querendo-se que passasse por louca, ella continuou na mesma voz até ser condemnada a morte.

Mad. Roland, esposa do ministro, deffendo não bem seu marido na Convenção ; sendo preza, e não podendo mais ser lhe util, morreo deitando o exemplo da intrepidez, pela serenidade com que marchou para o patibulo.

Mad. Clavière quando soube que seu marido havia preferido apunhalar-se, ao morrer justificado, deo ordem a seus negocios, consolou seus filhos, e matou-se com a tranquillidade de Socrates.

Mad. S... acompanhava a seu marido na prisão, cuvio chamarem por elle, era a voz da morte: abraça-o, e sendo arrancada de seus braços, exclama : « Barbaros! não deixarei por isso de morrer tambem, » e partindo a cabeça nas grades da prizão, expirou.

A marechala de Mouchy foi ter a prizão de seu marido, e dizendo-se-lhe que não havia ordem contra ella, dice : « Pois que meu marido está prezo, eu estou tão bem. » Ouvindo a sua sentença no tribunal dice : « Pois que meu ma-

rido foi condemnado, eu o estou tão bem. »
foi sempre, e só o que dice.

Quando hymeneo fez taes prodigios, facil h
de crer que amor não faria menores.

Mad. E... amente de Caussé, negociante d
Tolosa, depois de haver dispendido quasi quan
to possuia para salva-lo, comprou huma caz
contigua á prizão, e na vespera do supplicio
vestida de soldado, entrou por hum buraco
que com huma creada havia praticado na pare
de, e salvou-o.

Hum rapaz foi transferido da prizão para
hospital em Bordeaux, Thereza, irmã da Cari
dade, aconselhou-o que fingisse convulsões,
morte; deo-o por morto na visita do Medico,
depois fingindo que pedião o cadaver para
Theatro-Anatomico, o fez evadir. Vierão a ca
zar depois em Hispanha.

Mad. L... joven viuva hia todos os dias, a pe
sar do mão tempo, aguardar o momento de vê
seu amante na prizão em que a não quizerão tão
bem encerrar a seus rogos, e quando hum dia
vio ir na fatal carroça, lancou-se aos pés do
cavallos, e depois de inauditos esforços arrancou
a espada a hum soldado, e attravessou-se com
ella.

Mad. C...r não podendo acabar no patibulo com seu amante, escreveu huma carta a favor da realza, pondo-a em via de ser surpreendida, escreveu segunda, e facilitou mais a surpresa; em fim o extratagemah sahio como queria. No momento de ser preza cortou seus lindos cabellos, e os distribuio, e bem assim suas joias, por suas amigas. Sendo interrogada: « Sim, disse, sou a authora das cartas; assassinasteis a meu amante, dai-me igual sorte, aqui tendes a minha cabeça. » E subindo á guilhotina, exclamou: « Aqui morreo elle hontem, eu vejo o meu sangue: Carrasco, mistura ao delle o de sua amante. »

Outra amante assistio á execução do objecto que amava, acompanhou o cadaver á sepultura, e deo ao coveiro cem luizes para que lhe lesse a cabeça; e com ella envolta em hum véo, marchava quando á natureza cedendo amor, desmaiou na rua, e sendo publico o facto, foi condemnada á morte.

Mad. C... filha de Sens (este nome lembrando Eloisa, e Abeillard he caro ás almas sensíveis) levou a generosidade a seu auge, morrendo na guilhotina por hum amante infiel. Legou

sua filha a sua rival, a qual immediatamente adoptou.

Carlota Cordet, quando toda a França tremia ante Marat; virgem, e no verdor dos annos não balançou, e mesmo em caza de Marat, estando elle no banho, o apunhalou, vingando assim seu amante, que elle tinha mandado matar, e livrando a patria de hum monstro: foi guilhotinada!!! Quem o acreditaria?...

Todos os dias vão-se em França as prizoẽs cercadas de mulheres de todas as classes, que anhelavão o momento de vêr o pai, o marido o irmão, o amante: a quadra mais desabrida nos lugares os mais immundos, nada as estorvava.

Os vinculos do sangue forão igualmente honrados com nobres sacrificios.

Mad. Gattey, pedio morrer com sua irmãa e só hum dia depois lhe foi concedida a graça.

Mademoiselle Maillé sendo preza, achou-se enganado no sobrenome, e perguntada se sabia quem era a accuzada, e aonde morava (era sua cunhada). Eu não dezejo a morte (respondeo) mas prefiro-a mil vezes á vergonha de livrar-me em damno de outrem, estou prompta a acompanhar-vos.

Mad. Elisabeth podia salvar-se com seus parentes que sahirão da França; porem quiz acompanhar na sorte ao mais desgraçado dos Bourbons: na carrossa em que a levavão ao supplicio, cahindo-lhe o lenço dos hombros, disse para o carrasco: « Em nome do pudor cubri-me o seio. » Morreo com a serenidade de huma alma pura.

Em Leão huma donzella depois de clamar no tribunal em defeza de seu irmão, condemnado elle, ella afogou-se no Rhone.

Na mesma cidade, e epoca, as irmãas do mancebo Poral, o salvarão, e a mais quatro companheiros de prisão, empregando para a evasão a maior sagacidade, e coragem.

O amor filial não desmentio a natureza.

As meninas de Bussy, e de Brion, huma de 15, outra de 18 annos, preferirão a prisão em companhia de suas Mães, á liberdade sem ellas.

Mad. Grimoard, e depois Potier solicitou ir para a prisão de sua Mãe. Mad. Lachabaussière, fez para isso huma longa viagem estando muito adiantada na gravidação; ao vêr a Mãe no segredo, enlouqueceo, e na loucura mostrou todos os extremos do mais terno amor filial.

Mademoiselle Delleglace, acompanhou a pé

de Lion a París, a sege em que levavão seu pai, e na qual a não quizerão admittir; advogou tão bem a cauza do pai, que o livrou; porem morreo de fadiga.

Mademoiselle de La Rochefoucauld, occultou seu pai condemnado á morte, na guerra da Vandée. Cançada a caridade, via que o pai morreria de miseria; então passando pelo seu retiro hum general republicano, ella lhe escreveo a carta a mais pathetica, offerecendo-se a morrer por seu pai. O general correo logo a soccorre-los, foi seu protector, salvou a ambos, e os fez entrar na posse de seus bens.

A menina Bois-Berenger não sendo sentenciada com seu pai, mãe, e irmão, afflicta dizia: « Pois condemnarão-me a sobreviver-vos? Não havemos morrer juntos? » He tambem comprehendida na sentença, e então contente abraça seus parentes exclamando: « Ah! morreremos juntos! » Vestio as suas melhores roupas, e animando sua mãe thé o patibulo, lhe repetia: « Que saudades levais, quando toda vossa familia vos accompanha, e ides receber a recompensa de vossas virtudes? »

Mad. Melusey, tão engraçada, quam formosa,

consolou a seu pai até o ultimo suspiro, e morreo com elle.

Muitas mulheres houverão, a quem sómente a humanidade inspirou o nobre desprezo da vida, em bem do seu semelhante.

M. Lanjuinais refugiando-se para caza de sua mãe em Rennes, onde não havia senão huma velha creada, soube que os creados com elle accusados haviam soffrido; declarou isso a creada, e por mais que instasse para que se ella retirasse, não o poudo alcançar: felizmente com a morte de Robespierre salvarão-se ambos.

Maria, creada em huma prizão de Bordeaux fez com que dous prezos se evadissem, e querendo elles dar-lhe 500 francos, muito afrontada se mostrou, e dice: « Não merecieis o que por vós fiz, pois em tão pouco me estimais, que me julgaes cativa do vil interesse; abraçai-me, e não quero outra recompensa.

Mad. Boyer, costureira, quiz antes morrer, do que depôr contra hum accusado que não conhecia. Ja em outro tempo Epichares, quiz antes morrer, do que denunciar.

Mad. Ruvilly, em Brest, acolheo hum velho de 80 annos proscripto, e que ella não conhecia. O velho ao cabo de dous dias lhe declarou,

que era padre, e proscripto, que de medo de lhe vir a ser funesto se retirava. Enterneçada a hospeda não o consentio : foi condemnada á morte; e o que mais he, o foi tão bem madame Desmarets sua irmãa por não a haver denunciado.

Mad. Payssac teve igual sorte por dar guarida ao estimavel Rebaud de Saint-Etienne.

O celebre Condorcet de modo algum quiz aceitar a hospitalidade que huma senhora, sua amiga lhe offerencia com instancia; e algum tempo depois appareceo ao pé de París, victima do suicidio.

Mad. Le Jay, livreira em París, acolheo Doulcet de Pontecoulant em sua caza, e seu zelo foi tão engenhoso, que salvou a si, e a elle.

A sobrinha de hum sacristão de Bruxellas foi igualmente feliz occultando a hum francez emigrado por muito tempo em hum carneiro da Igreja. Os passos desse facto offerecem bellos rasgos de theatro.

Mad. Bedée, Bouquet, e muitas outras, tiveram a gloria de morrer victimas da hospitalidade.

(28) Não he imaginação poetica, he verdade: veção-se os processos de Carrier, e de Jozé Lebon, e encontrar-se-ha essa virtude no sacrificio da virtude mesma.

(29) Esta bella accção de Mademoiselle Sombreuil he assas conhecida, e só accrescentarei que hum dos algozes propoz como condição para salvar o pai, o beber ella hum copo de sangue, no que não hesitou, ficando de então com convulsões periodicas. Sendo o pai segunda vez preso, ella o acompanhou na prizão, e a primera vez que appareceo, moveo lagrimas a quantos a virão. Então Madame de Rosambo, sahindo tão bem da prizão com seo pai o infeliz, e venerando Malesherbes, lhe dice: « Tivestes a gloria de salvar vosso pai, e eu tenho a de morrer com o meu. M. de Caettant a elogiou em versos agradaveis.

Mademoiselle Carotte, salvou tão bem a seu pai das garras dos Algozes: denodada se pôz entre elles e exclamou: « Só chegareis a meu pai depois de me traspassardes o coração.

(30) Deffeitos de que Boileau increpa as mulheres na X satira.

(31) O traductor julgou a proposito juntar mais este quadro (que ao vivo observou) aos do original.

Nada ha tão extravagante, e contradictorio quanto a conducta dos homens a respeito das mulheres, ellas não concorrem para as leis, e são sujeitas a ellas; não tem as vantagens da sociedade, e hão de sofrer os incommodos, e penas. Nós as queremos não só virtuosas, porem acima das suspeitas; tramamos laços á sua virtude, fazemos-las culpadas, e punimo-las de o ser. Provocamos a sua fraqueza, e as insultamos na queda: nada as desculpa, e todos tentão seduzilas.

(32) Eryphile seduzida pelos presentes de Polinice descubrio o valhacouto de seu marido, Amphiaraus.

(33) Sabem todos que Medéa ao fugir com Jason despedaçou seu irman Absyrthe, e espalhou os membros pelo caminho. Não era mulher era hum monstro, tão-bem os ha entre as flores.

(185)

(34) As Lemniannas degolarão seus maridos de volta de huma longa viagem.

(35) Catherina de Medicis passa por haver incitado a seu filho Carlos IX, rey de França, a horrorosa carniceria de Saint-Barthelemy.

(36) Estes seis versos são do traductor.

(187)

ODE

Recitada a os 12 de outubro de 1823.

No incauto povo os crimes embebia
Por labios embusteiros enfeitados,
Maculando a fagueira Liberdade
Demagogia astuta.

As mimosas feições, as lindas formas
Do viçozo Brazil, já se afeavão,
Sob as sanguentas garras com que ancioza
A Anarchia o empolgava.

As Maens choravão já, tremia o espozo,
Os degraos do patibulo a Virtude
Contava já, e aos urros da revolta
Jubilava o perverso.

Lá cahe o Imperio de aluïdas bases!...
No ameno Vale, na floresta virgem,
Lá se estende o ribombo surdo, e rouco
Do mugido do crime.

(188)

Rasgado o coração!... ai! Pedro! Pedro!
Morre, se tardas, o Brazil, acude!
Defende-lo juraste, o voto cumpre,
Se não, aos ceos insultas.

Onde os punhaes? eo halito empestado,
Que em negra nuvem sobre nós pezava?
Eis o céo azulado, o ár suave
Que dá vida ás delicias.

Salve! querido Brasileiro dia?...
Tu, que em dote ao Brazil seu Pedro deste,
No circulo dos Evos perguiçozo
Volve, puro, e risonho.

(189)

ODE

recitada aos 22 de Janeiro 1825,

EM PARIS,

E caza do Viador J. M. Gonçalves.

Da gloria o enlevo não subira á tanto,
Sem a doce esperança dos agrados
Da fagueira Beleza.

Sem os carinhos da adorada espoza,
Suportaveis não forão penas, lidas
De que se a vida mina.

Alem da tumba que emportara a Fama,
Se na prole (inda um mimo da consorte),
Não continuasse o homem ?

Sexo querido, da virtude imagem,
A delicia he contigo; se não foras,
Fora o mundo um deserto.

(190)

Se na choupana^{lá} estás, lá stão deleites ;
E se ao lado do heróe o throno occupas,
Abril^{fo!}hantas o throno.

Dado fora sem ti vestir a Purpura
A Justiça, o Valor, más não vestira
As Graças, a Clemencia.

Heroe sem Leopoldina Pedro fora,
Mas o Brazil o heróe deificando,
Gemera em orfandade.

Da Santa Cruz o Imperio não tivera
Sem Leopoldina, as Prendas Preciozas,
Que lhe assegurão seculos.

Nossas tenrinhas Flores Brasileiras,
Guardai ó Deus !... somente um pai conhece
Más que sagrada aurora!!!

Dando a Filha dos Cezares ao mundo ,
A Realeza meio-mundo deste ,
Dia grato aos Monarcas !

Da do Danubio as Nimfas te saudavão ,
Quando as Nimfas Bahianas o seu Pedro
A vés primeira virão.

Como lhe envesga os olhos a Anarchia!...
Ho! de Leopoldina a Prole Augusta
De Pedro a obra firma!

Ho! Dia sem par ! são obra d'outros
Trophéos e Independencia , tua Graças ,
E a duração do Imperio.

(193)

PARTE DO POEMA INTITULADO

OS TUMULOS.

Feito pelo Autor, á morte de seu filho.

Fontenay-aux-Roses, 1825.

LONGE risonhos engraçados sitios,
Frescos ribeiros, auras perfumadas.
Esfriou nos meus labios o sorriso,
Nos meus olhos as lagrimas secarão.
Foi-se athe de chorar triste consolo.
Gravosa idéa o espirito acobarda,
Quebra-me as forças; já não vivo, existo;
No futuro morri, morrendo o filho.
He mansão minha o olvido, que vingado
Via em virtudes, que no filho abrião.
Meiga filhinha, virtuosa esposa,
Orfans com migo, iguaes na desventura
Vinde um adeus dizer ao irmão, ao filho.

À noite cede o sol a etherea via ;
Longe de vãos prazeres , vamos juntos ,
Por entre sepulturas vagueando.
Amargoso consolo vem , saudade !

Palida fria luz derrama , ó Phebe !
Sentidas queixas , triste gorgeando ,
Desate suspirosa Philomela.
Mirtos , ornai amantes venturosos ,
Em torno amim Ciprestes mil negregem.

Um ai alheio o misero consola ,
Ninguem um ai me dá , ninguem me escuta !..
E compaixão procuro ?... anhele a morte :
A morte he refrigerio da desgraça ,
He para o justo a noite d'um bom dia ,
A morte espanta só quando pensada ,
A morte he nada , a eternidade he tudo.

Cercado estou de tumulos.... abri-vos
Reino da morte , abrigo do infortunio !
De chimeras caducas desengano.
Erguei-vos mestas , pavorosas loizas !
Ossos mirrados , lividos despegão ,
Fetidas carnes , podres ligamentos ,

Que impuros vermes em silencio pascem ;
Ascosos restos de formosas formas.

Eis os profundos admirados sabios ,
Os Reis altivos , grandes , e timidos !
Nem teus visos Beleza aqui se estremão.
Igual poeira dão , cajado , e septro ,
Os farrapos do pobre , e a regia purpr'a ;
Na sepultura tudo se confunde ;
Tudo assim passa , a morte acaba tudo.
Da umana vida a aurora , e o ocaso tocão.
He como a luz a vida , apaga-a um sopro.
Sabemos vida ter porque sentimos ,
Vem de fora o sentir , a vida he nada.

A pós honras serpeai rasteiros entes ,
Esse raio apagai que vence a morte ,
A virtude : e depois notai os tumulos !

De inconsolavel Maen oiço os queixumes !...
Sombra querida , do querido filho !

« Meu amor , meus desvelos , nada pode !...
« Meu Deos , tanta oração , tão puros votos ,
« Tudo baldado foi !... Mais não augmenta
« Um espr'ito celeste a gloria tua ,

« E perdi no meu filho a gloria minha.
« Se mais era que humana a prenda amada,
« Porque o fizeste assim, para roubar-mo?
« Para todos tão bom, es máo com migo?...
« Que mal te fis meu Deos?.. Pqrem que vejo
« Oh! quanta luz deviso! vejo as fontes
« Do eterno incomprehensivel!..eis meu filho!
« Filho adorado vem, corre à meus braços!
« Olha o seio infeliz de que naceste,
« Olha estes peitos que te derão leite,
« Conhece aquela vós que os sons primeiros,
« A formar te ensinou, que te chamava
« Para teus jogos; tua Maen conhece:
« Dos teus primeiros gostos companheira,
« Companheira fiel nas tuas dores.
« Quem te bejava quando ao pobre davas,
« Quem te bejava quando o amor da patria,
« Vinha do coração no infantil fogo.
« Quem esquecendo o alimento, o sono,
« Junto ao leito da dór constante viste.
« Quem pela vida tua, dera a vida.

« A cada passo um nobre monumento
« Do que serias, filho, vem matar-me;
« Ó Brasil! ó Bahia! ó patria nossa!
« Chorai meu filho, que um Heroe perdestes!

« Nem o materno amor me cega : digão
« Quantos o virão , qual a nossa perda.

« Dias de angustia assim porque fugistes ?
« Vinde outra vez , trazei minha esperança ,
« Trabalhos mil com ela , embora venhão.
« Deos, ou dai-me o meu filho, ou dai-me a morte.»

D'um pai nenhum trabalho as forças quebra,
Quando se vé na prole continuado.
A filha move sentimentos brandos,
O filho eleva para a gloria o brio.
O filho he outro ele , alem da tumba
Vé remocarem as fadigas suas :
Do filho no esplendor , no por vir goza.
Lá vai seu nome de lauréa ornado.
O movel principal de humanos feitos,
O amor proprio , se dilata , e farta.

Ah ! como foges mentirosa esperança !
O doirado futuro como embaça
O halito da Morte ! Vãos projectos !
Já da verdade o espelho formidavel ,
Mostra o que são do terra os bens caducos.
Que mais aspira o pai , que mais dezeja ?
No futuro morreo , morrendo o filho !...

Hymeneó que de flores coroado
Sua dita fazia, he seu tormento :
A dór lhe dobra da consorte as dores.
Fita a querida lamentosa esposa ,
Vé do filho as feições , não vé seu filho.

Ali brincava , aqui lia com migo ;
Este desenho he seu , eis sua letra !
Cobrem a meza insulsas iguarias.
Junto amim se sentava.... onde ! onde !
Ai ! como do consorcio o tecto amado ,
Cobrindo o casto amor , aflige agora !
Ai ! quanto fujo de mirar a esposa !
Leio em seus olhos o que n'alma sinto ,
E sei que os meus lhe stão dizendo o mesmo.
Nem eu , nem ela pronunciar ousamos.
Partem do peito os ais , dos olhos pranto.
São ambos desditosos , mais se querem ,
E porque muito amão , temem-se ambos :
A saudade os separa , amor os chama.

Tu meu thesoiro , filha suspirada ,
Da vida alento , que tremendo adoro ;
Que transcendes no espr'ito tanto a idade ,
Qual teu irmão , precoce !... vai-te idéa !...
Como no frio , no forçado rizo

Com que para alegrar-me , o mal disfarças,
Minha alma punges, com doçura amarga !
Constranjo o rosto á desmentir o peito.
Esse terno cuidado que desvia,
De nossos olhos , do irmão perdido
Os moveis favoritos, os brinquedos ,
A custosa atenção com que o não chamas !...
Teu doce agrado me envenena a vida.
Oh ! alma, de minha alma, ó minha filha,
Vem á meus braços, vem , chora com migo ;
Não temas do irmão dizer o nome ;
Eia , de pranto nossa dór fartemos.
Ainda a vida em flor , inocentinha,
Ignoras o prazer, e a dór conheces ?
Ahi a tens , guardai-a, ó Providencia !
Porque sem ela suportára a vida ?
A filha existe.... a vida te agradeço ;
Agradeço o meu mal , he bem da filha.

Sacrificios humanos não te bastão ?
Sacrificio ahi tens com que não posso,
Ahi tens meu filho morto : tenra planta
Longe do clima seu, medrar não pôde.
Patria, longe de ti, por ti sofria.
Balança o amor da patria, o amor paterno :
Que mais querem de mim ? mais sofrer posso !...

Quebradas forças, animo abatido
S'inda podem prestar-te, ansiada patria,
Qual meu vigor te dei, dar-te hei o resto:
Com que ufania te legava o filho!
Ó quanta n'ele tu perdeste gloria?
Ouve-lhe a vós extrema, e extremos votos;
Eles quebrarão junto do meu peito.
« Vinde a mim Caros paes, nada de pranto,
« Pouco tenho de vida, ó paes! bejai-me....
« Minha irmãa onde está? quero abraça-la.
« Pois que ao Brasil servir me não foi dado,
« Aumenos saiba que por ele morro.
« O que o Brasil me deu, o Brasil tenha:
« Não, não deixem meu corpo em terra estranha,
« Entreguem-me ao Brasil... ultima graça...
« Eu fui bom filho. Adeos! » e um ai! meu filho!
Sombra adorada, assim o Heroe, o justo
No fim de longa vida o mundo admira:
Pia resignação, corage heroica,
Serenidade sempre inabalavel
No sofrimento, e mesmo athe desprezo.
Assim que de afeição via os indicios,
Voava a gratidão sempre em seus labios.

Porque outrem não sofresse, impunha ás dores;
Com suas proprias mãos curava as chagas!

As bem fazejas mãos qu'inda estou vendo
Erguidas para o ceo, a Deos orando.
Inda me sóa n'alma a vós quebrada,
« He baldado pedir, o ceo me chama. »
Inda o que dice seu retrato vendo :
« Perdeis o original , guardaes a copia »
Inda.... e he religião sofrer ?... não posso.
Quanta vés os gemidos sufocando ,
Sobre o chagado corpo quantas vezes ,
O meu corpo estreitando , a mão convulsa
Desfalecida já , secou meu pranto ;
E com frio sorriso procurava
Um consolo me dar , forçando a angustia ?
Com a patria sonhava : e quando a febre
Abalava , pungia o assento d'alma ,
Era para exaltar o amor da patria ,
A saudade dos seus , o amor paterno.
Se ao Brasil não servio , morreo por ele.
Nem aumenos ó ceo ! lhe deste o gosto ,
De ver , morrendo , a pratria libertada !
Da Divindade arcano impenetravel ,
Inda na infancia, e ja virtude tanta !...
Tinha dez annos !... Religião , conforto.

Sagrada habitação d'alma celeste
Lamentoso penhor , tristes reliquias !

Não, não sereis entregue a terra estranha.
Vivo com nosco tu perigrinaste,
Morto acompanharás nossos errores.

Ó tu que encerras, urna respeitosa,
O puro coração do infante puro,
Para tanta virtude estreito stadio:
Aquele coração tão compassivo
Tão bom, tão santo, além da idade sua....
Urna que encerras da bondade o templo,
Do desditoso pai te banhe o pranto.
Dá que te abrace em quanto a alma ao corpo.
« Á seus pais, e ao Brasil » doce verdade,
Que me lascera o peito, ai!... já não sente,
Imovel, frio!... nunca mais teu rizo!...
Tua vós nunca mais? oh! filho! filho!
O halito de Deos, alma divina,
Á Deos voltou no mundo não cabia.

FIM DO TOMO SEGUNDO.

INDICE

DO TOMO SEGUNDO.

	Pag.
Tradução de uns versos de M. de Parny.	5
outras de outros versos do mesmo autor.	6
de uma passagem de Raynal.	7
dos disfarces de Venus, de Parny.	9
de uma passagem da Historia Philosophica, etc., de Raynal.	11
do Hymno primeiro da Faoneida.	18
da Missa de Natal, por M. de Coriolis.	23
da Epistola á Miguel de Cervantes por M. Le Mazurier.	30
Salix e Pholoe, Metamorphose.	35
do fragmento da Ode VI de Sapho.	39
de uns versos latinos ao nascimento de Camoens.	40

da Epistola de M. de Castera ao Principe de Conty.	41
de um Improviso de M. de Vol- taire.	43
de uns versos de M. de Parny.	46
de umas coplas francezas.	47
da primeira Ode de Sapho.	48
da Ode III.	50
da Ode XVII.	51
o Amor filial do Poema la Pitié, por M. Delille.	53
a Indigencia, do mesmo Poema.	57
de uns versos escritos nas paredes de uma prizão.	60
a Morte d'Orpheo, das Georgicas.	65
Ventagens da vida campestre, mesma obra.	70
de umas coplas de Lafontaine.	74
á Virgilio, do Homem dos Cam- pos de M. Delille.	77
Memorias da Infancia, mesma Poema.	79
da Melancolia por M. Delille, Poema da Imaginação.	81
á Desconfianza, mesmo Poema.	84
da Egloga II de Virgilio.	88

de uns versos de Metastasio.	94
de umas coplas de M. Legouvé.	96
de outras do mesmo.	97
de outras do mesmo.	98
da Melancolia, do mesmo autor.	99
da Cantata de Metastasio. Amor timido.	111
do Ritorno, do mesmo autor.	113
de uma Cançoneta.	116
as Rozas.	120
as Azas d'Amor.	122
A venda d'Amor.	125
do Merecimento das Mulheres, por M. Legouvé.	127
Ode recitada aos 12 de outubro 1825.	187
Ode recitada em Paris aos 22 de janeiro 1825.	189
Os Tumulos.	193

FIM DO INDICE DO TOMO 2º.

ERRATA

DO TOMO SEGUNDO.

pag.	verso	erros	emendas
5	6	s'evapora va	s'evaporava
5	7	avida	a vida
23	1	inveno	inverno
26	10	nos nos	nos
31	23	façonha	façanha
32	11	como	c'o
36	4	exclusa	escusa
50	4	a parecem	aparecem
52	1	de	dezejos
61	14	o presso	opresso
62	6	emeio	e meio
66	9	rezes	vezes.
71	23	brauda	branda
82	15	esplendidadas	esplendidas
82	19	nutri-lhe	nutre-lhe
86	14	saboriar	saborear
90	15	invertedor	inventor

Pag.	verso	erros	emendas
92	1	insentato	insensato
95	7	idulo	ídolo
98	10	estivisseis	estivesseis
99	1	o posta	oposta
100	18	o riente	oriente
106	6	no	na
106	18	pra	pranto
106	21	mão	máo
112	7	naturezo	natureza
129 lin.	3	indição	indicação
130 lin.	3	agasto	agastado
131 lin.	14	benmerito	benemerito
142	3	tingue	tinge
149	23	coravão	coroavão
150	16	lanza	lança
153	21	sepultaro	sepultar o
155	2	religiosas	reliquias
158	9	a	as
159	18	atraçoens	á traçoens.